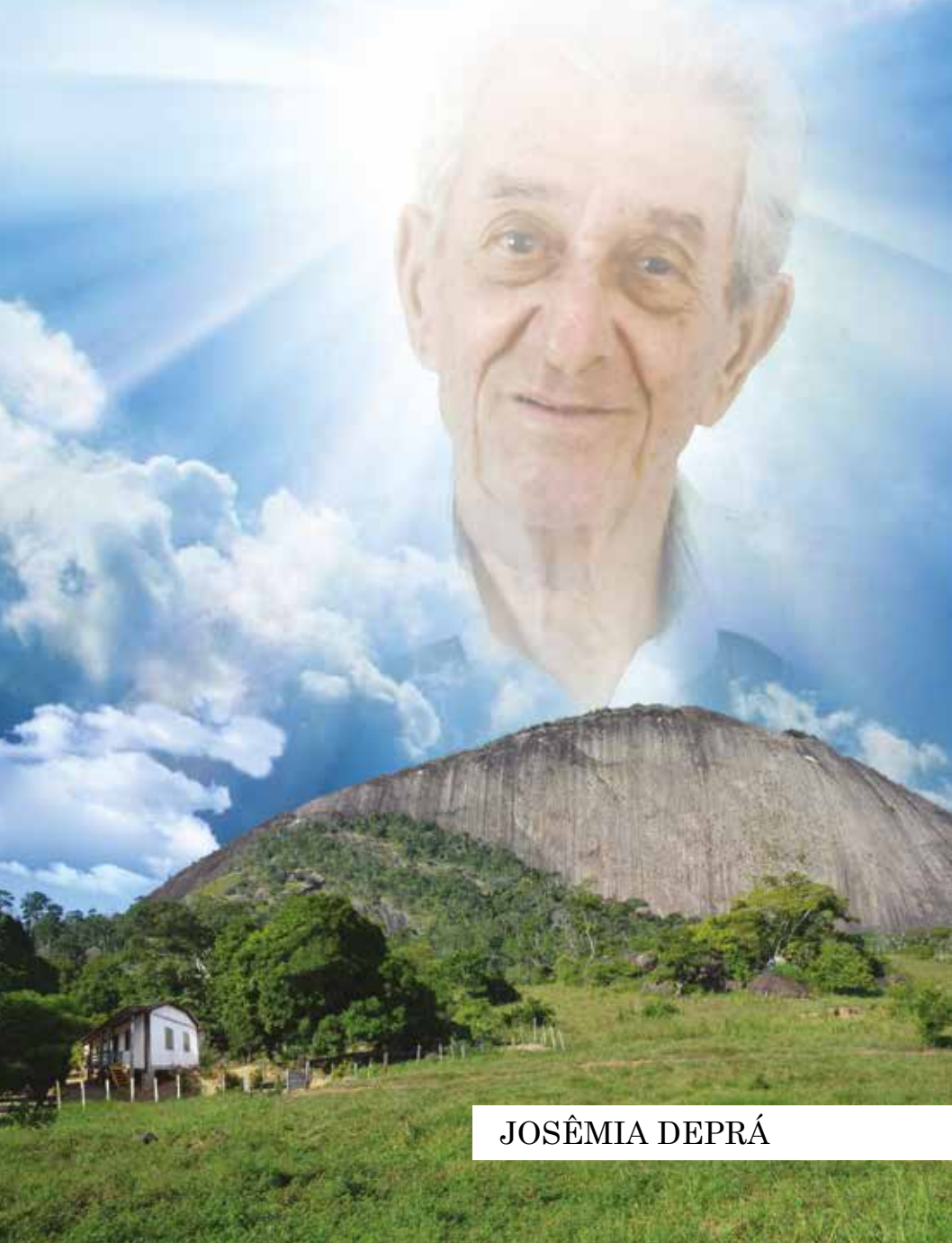


Um Diamante Raro



JOSÊMIA DEPRÁ

UM DIAMANTE RARO



JOSÊMIA DEPRÁ

Um Diamante Raro

Salvador, 2017

© 2017 (Direito autoral)

Projeto gráfico e editoração

2Designers (Zeo Antonelli & Beto Cerqueira)

Normalização e revisão

Maria José Bacelar Guimarães

Foto da capa

Manoel Henrique Martins

Fotos do livro

Acervo da família

Daniele S. S. do Nascimento – Bibliotecária Documentalista

D424d DEPRÁ, Josêmia Maria.

Um diamante raro / Josêmia Maria Deprá. – Salvador :

Ed. 2Designer Ltda., 2017.

154 p. : il.

ISBN: 978-85-64142-09-1

1. Memória – Gênero literário 2. Memórias – Vida.

3. Biografia. 4. Vida – História. I. Título.

CDU 82-94 – 22.ed.

*Dedico este meu mergulho de amor ao meu amado Pai,
pelo tanto que ele e minha mãe fizeram por mim e por todos
os seus 11 filhos, para que seguissem com dignidade o seu ca-
minhar. Presto esta homenagem a quem me deu vida, forças,
coragem e recursos para chegar até aqui. Você, Pai, que foi
um grande exemplo de homem íntegro, determinado, honesto
e trabalhador, receba meus sentimentos expressados aqui sob
a forma de palavras e imagens.*

*A você, Pai, com todo o meu amor, dedicação, carinho,
respeito, orgulho e enorme admiração!*

Agradecimentos

*E*m primeiro lugar, como tudo na minha vida, agradeço a Deus. Em seguida, ao meu amado Pai, por ter sido um homem de vida simples, mas rica de exemplos, virtudes e valores, que me inspirou a escrever sua história para os que não o conheceram e, principalmente, para os seus descendentes poderem ter conhecimento do poderoso modelo de vida de um ser humano tão especial como ele foi. Também para os que o conheceram saberem mais um pouco e relembrem histórias vividas por esse grande homem.

A ideia de escrever este livro foi muito solitária no início, mas a força do amor motivou-me a agir logo, a iniciar, a ir em frente. Com isso, a ideia foi muito rapidamente absorvida e aceita, e pude contar com o apoio da família, o que me faz ser grata a todos.

Agradeço também àqueles que colaboraram, contando suas marcantes passagens junto com Genis. Em especial, agradeço à contribuição dos dirigentes da Comunidade de Santa Rosa da Cachoeirinha, por todas as informações que gentilmente me cederam.

Agradeço especial e carinhosamente a minha mãe, pela sua parceria e contribuição para tornar realidade este meu sonho.

Apresentação, 11

A DOR

Incansável luta, 15

A descoberta, 17

Início do tratamento, 25

Internamento, 42

A VIDA

Origem da família Deprá, 69

Pais de Genis, 71

Infância de Genis, 72,

Vida nova: a mudança, 74

Construção da casa, 78

Fundação da comunidade de Santa Rosa da Cachoeirinha, 88

Namoro com Carmen, 91

Casamento de Genis e Carmen, 94

Vida nova... Casa nova, 95

Educação financeira, 107

Educação religiosa, 110

Educação escolar, 113

A política: mandato de vereador, 118

Primeira cirurgia de Genis, 120

Da fazenda para a cidade, 120

Segunda cirurgia de Genis, 125

Nova mudança: Paragominas, 125

Bodas de ouro, 133

Aniversário de 80 anos, 136

Construção do campo de futebol de Santa Rosa da Cachoeirinha, 141

Torneio união familiar, 145

Apresentação

A ideia de escrever um livro surgiu da necessidade de entender e aceitar todo o sofrimento que meu pai estava passando. Comecei então a pensar e a ver o quão virtuoso, maravilhoso e grandioso era aquela figura humana, e fiquei imaginando que uma pessoa com tantas virtudes não poderia partir desta vida sem que outras pessoas, principalmente da nossa própria família, netos, bisnetos, tataranetos e toda a linha sucessória, tomassem conhecimento de sua grandiosidade. Seria importante mostrar a todos como ele foi um homem especial e querido nesta vida, um ser humano que construía pontes para unir os corações, para encurtar as distâncias, para permitir a comunicação generosa e a aproximação de todos os que o rodeavam. Sempre generoso, humilde e alegre, era um homem que possuía um elevado grau de bom senso, uma grande capacidade de ouvir as pessoas, respeitando as relações, atento às opiniões de cada um. Sempre buscava o entendimento pelo diálogo, acolhendo as individualidades, e procurava soluções pacíficas para os conflitos. Entre tantas outras coisas, tive a ideia de perpetuar a sua história de vida, uma tarefa altamente recompensada pela satisfação de dar vida e cor a um universo que gira em meu interior.

Minha intenção, ao escrever, foi motivada, inicialmente, pelo sofrimento dele. Ao vê-lo sofrer tanto, em muitos momentos, eu não conseguia lidar com isso. Queria encontrar um manual de como viver, vendo o meu maior amor sofrendo tanto. Sentia-me impotente diante desse sofrimento e achava que deveria ter algum livro que desse uma luz, um direcionamento espiritual ou técnicas que pudessem me ajudar a suportar toda aquela situação.

Com isso, descobri também que não é suficiente ter livros e exemplos sobre como desenvolver a nossa luz espiritual ou como nos ajudar nos momentos difíceis. Diante do mistério da dor, não há nada que possa oferecer alento a não ser acessar as nossas melhores atitudes ou as nossas qualidades divinas, para que possamos ser iluminados para buscar a nossa real ligação com Deus. Esta conexão é o que nos fortalece e nos dá a capacidade de nos tornar quem precisamos ser nos grandes momentos de dor e aflição.

É natural que, quando amamos alguém, o queiramos para sempre, mas nem tudo acontece de acordo com nossos desejos.

Depois de alguns dias acompanhando o sofrimento dele no hospital, acordei pensando e senti algo assim: acho que já está muito próximo o momento de papai partir. Como essa sensação foi triste! Ai que dor, meu Deus! Como vai ser difícil viver sem o meu amado maior! Nesse momento, tive um *insigth*: escrever um livro.

Fiquei pensando se daria conta disso. Chegando ao hospital, beijei-o, pedi sua bênção e falei: “Pai, vou escrever um livro sobre sua vida.” Daí, com um olhar bastante

surpreso e admirado, olhou para o alto e ergueu as duas mãos para cima. Não sei exatamente o que ele pensou. Até porque, ele já não estava mais falando, mas acredito que deve ter gostado.

Depois disso, pensei: agora eu tenho que dar conta. Prometi e vou fazer. Quis, com simplicidade e de maneira bem verdadeira, somente perpetuar a história real da sua vida. Era uma filha que só desejava fazer uma homenagem, expressando o desejo de que a vida dele continuará para sempre em nossos corações. Não me preocupei com uma linguagem rebuscada e prolixa. Uso uma linguagem bem simples, pois, afinal, não sou escritora.

Escrever este livro foi uma forma de me fortalecer, distrair e descansar um pouco minhas inquietações pelos sentimentos de dor, tristeza e saudade que sinto dele.

A DOR

Incansável luta

Nesses oito meses em que acompanhei meu pai em sua jornada incansável de luta pela vida, senti o quanto era sofrido, como doía em meu coração e como era difícil olhar para ele e ver tanto sofrimento e tanta dor. Ele, em seu mundo, quietinho, padecendo no silêncio de seus pensamentos. Como conviver com isso?

No meu mundo de dor, queria recorrer a algo que me sustentasse, porque eu não sabia como lidar com esses momentos dolorosos. O que fazer para amenizar essa minha agonia? Eu precisava descobrir como equilibrar esses momentos distintos, para poder dar rédeas aos meus sentimentos e me manter lúcida, sem perder a cabeça. Eu procurava alguma coisa que respondesse à minha aflição naquele momento da minha vida. Descobri que não havia fórmulas. O que existe, nesse processo, é o entendimento espiritual, paciência e aceitação. Vi também que Deus dá a cada um a força necessária, e fica como aprendizado a importância de termos uma forte estrutura espiritual. Devemos, em nossa caminhada, buscar sempre uma evolução espiritual, pois é isso que nos sustenta e nos dá o necessário equilíbrio.

Observei muitas batalhas travadas entre a doença e a vida. Todas elas cheias de vontade de viver, de se curar,

de voltar a ter saúde, de ser feliz e poder voltar a ter uma boa qualidade de vida junto aos familiares e amigos. No entanto, no meio do caminho, vi muitas pessoas partirem.

Meu amado Pai tinha 85 anos, era um homem de muitas virtudes e aqui citarei somente algumas: um ser humano honesto, humilde, simples, ético, íntegro, justo, trabalhador, responsável, amável, alegre, de bem com a vida e de bom humor, sempre. Era um homem centrado em seus valores, que enfrentava as adversidades com paz interior e sempre nos passava ensinamentos nobres com muita sabedoria. Foi um grande guerreiro até os últimos momentos de sua vida. Sempre teve uma excelente saúde, tinha muita disposição e uma vida regrada. Sempre se alimentava bem, de forma saudável, dormia bem, sem estresse, e era uma pessoa calma. Infelizmente, mesmo assim, acabou sendo traído por uma doença que considero a “desgraça mundial”.

A única coisa que era realmente um problema muito incômodo para ele, era uma insuportável dor na coluna. Para tentar saná-la, já havíamos programado, no início de janeiro de 2016, voltar a fazer consultas e exames com o neurologista especialista em coluna e um grande cirurgião. Era preciso fazer logo a cirurgia que lhe devolveria a qualidade de vida, já que ele era extremamente lúcido, ativo, cheio de energia, não tinha problemas de pressão, nem de coração, não era diabético e não tinha nada que impedisse uma bem-sucedida cirurgia. Infelizmente, não foi possível. Não deu tempo. Esta deixou de ser a urgência. O destino nos preparou outra desagradável e muito dolorosa surpresa.

A Descoberta

Tudo começou no dia 3 de janeiro de 2016, um dia de domingo. Papai e mamãe acordaram cedo, como de costume, para irem à missa. Ao sentarem-se à mesa para tomar o café da manhã, ele reclamou que não estava conseguindo engolir nada. Os alimentos não desciam, estava entupido. Mamãe, então, perguntou espantada: “Você se engasgou?” Ele respondeu: “Não, simplesmente nada desce.” Sentiu um desconforto muito grande e expeliu uma secreção muito grossa. Mais tarde, num almoço em família, ao tentar engolir a comida, começou a sentir que também não estava conseguindo. O incômodo foi tanto, que preocupou minha mãe e meus irmãos que estavam presentes. Uma neta que é médica, ao saber de tudo isso, pediu para o levarmos com urgência a um gastro, que solicitaria uma endoscopia para uma avaliação. E assim foi feito na mesma semana. Marcou-se o médico e logo foi solicitada uma endoscopia, que foi realizada no dia 13 de janeiro. No relatório constava a conclusão: “Neoplasia de esôfago proximal e esofagite distal leve não erosiva.”

Foi, então, pedida biópsia para exame histopatológico. Em 15 de janeiro saiu o triste e dramático resultado: os cortes histológicos revelaram a “lesão vegetante de esôfago proximal – carcinoma escamoso”. Foi confirmado: nosso amado Pai estava com câncer de esôfago. Um tumor maligno e, pior ainda, porque num local próximo à garganta e que não seria possível fazer uma cirurgia. Logo essa maldita doença, justo a que mais o amedrontava. Pronto, a casa caiu. Confesso que receber essa notícia foi como ter tomado uma punhalada no coração.

Se pudesse, eu trocaria de lugar com ele, tomaria para mim tudo e daria a minha saúde para ele. Infelizmente, quando se fala em câncer, pensa-se logo em morte. Começamos desesperadamente a corrida, para buscar o que fosse possível e impossível para ajudar o nosso amado Pai a enfrentar essa malignidade.

Somos uma família de 11 irmãos e todos ficamos extremamente chocados e emocionados com a triste notícia, mas nos unimos ainda mais em prol dessa causa maior: lutar juntos pela saúde do nosso amado Pai. Trocávamos mensagens e telefonemas o dia inteiro. Procuramos mentalizar a cura, rezar muito e trabalhar para aumentar ainda mais a nossa fé diante das dificuldades. Sabíamos que a confiança na Divina Providência é um grande consolo. Sempre soubemos do poder e da força da oração e que a família, unida nesse objetivo, potencializaria o campo vibracional para mantermos o pensamento na cura.

O primeiro passo foi marcar um oncologista. Começou, então, a sucessão de exames, tomografias, raios X, ressonâncias, exames de sangue e Pet Scan, tudo isso em Belém (PA). No primeiro momento, decidimos não falar nada com ele. Isto, entretanto, foi muito difícil, porque ele sempre foi muito esperto, antenado e inteligente, e pegava as coisas no ar. Por temermos a sua reação ao saber da verdade, tínhamos que tomar muito cuidado para falar com ele. A princípio lhe dissemos que estava com uma inflamação no esôfago. Esperto e ligado como sempre foi, de vez em quando, ele dizia: “Acho que estou com câncer de garganta.”

Depois de trocarmos muitas ideias, decidimos levá-lo para uma consulta no Hospital Sírio Libanês em São

Paulo, com um médico que fosse o melhor e mais especializado nessa área. E assim fizemos. No dia 29 de janeiro, seus dois filhos, Girlene e João Angelo, viajaram com ele para a consulta. Isso, claro, gerou uma ansiedade enorme em todos nós. Esperávamos ardentemente que acontecesse um milagre, mas de lá também as notícias não foram nada animadoras. O Dr. Paulo Hoff, extremamente profissional e com muita experiência, falou para o papai que ele tinha um tumor no esôfago e precisaria fazer quimioterapia. Ao ouvir a notícia, ele ficou quieto. Ao sair de lá, pediu para comprar um vinho e continuou com seu jeitinho brincalhão e alegre, conversando naturalmente. Até chegamos a pensar que ele não havia entendido, mas entendeu, sim. Sabia que o tal tumor era canceroso. O Dr. Paulo falou que a quimioterapia deveria ser feita em Belém, justamente para que toda a família pudesse estar por perto, já que carinhoterapia nesse momento é de fundamental importância. A medicação da quimioterapia e as dosagens foram prescritas por ele, que esclareceu tratar-se do que tinha de melhor no mercado. Meu irmão lhe disse que tinha conhecimento e referências muito boas de uma médica oncologista de Belém, a Dra. Paula Sampaio, e perguntou-lhe se a conhecia. Ele respondeu que era uma excelente profissional e de sua confiança, e a recomendaria para fazer o acompanhamento durante o tempo do tratamento. “Esses momentos que passamos com ele nesse hospital ficarão para sempre em nossas memórias.” (Girlene e João Angelo).

No dia 30 de janeiro, retornaram todos para Belém, mas meu irmão propôs fazer uma parada em Brasília, para visitar uma sobrinha cuja filhinha acabara de



*João Angelo e Genis no
Hospital Sírio Libanês*



*João Angelo, Girlene, Genis e a
neta Monique no Hospital Sírio
Libanês*



*Girlene, Genis e João Angelo no
aeroporto de São Paulo*

nascer. Papai, portanto, iria conhecer sua segunda bisneta. A ideia foi super aprovada por ele. Ainda no aeroporto de São Paulo, ele foi sozinho a uma loja, escolheu e comprou uma roupinha do seu time, o “Botafogo”, para presentear-lá. Isso deixou todos muito emocionados...

E nós, os 11 irmãos, em nosso grupo de mensagens, compartilhávamos a nossa dor, o nosso estado de choque, a nossa preocupação, a nossa tristeza e o nosso sofrimento diante desses fatos. A minha decisão foi tomada imediatamente. Como apenas eu morava em Salvador (BA), saí do meu emprego, aluguei meu apartamento, vendi meu carro e voei para Belém no dia 31 de janeiro, para ficar bem pertinho e acompanhar meu amado Pai no tratamento quimioterápico. Sabia que tinha pela frente um grande desafio. Foi uma decisão rápida, completamente lúcida e plena de amor e carinho.

Surgiu, então, outra dificuldade. Nossos pais moravam na cidade de Paragominas, no interior do Pará e, para fazer o tratamento quimioterápico, ele teria que ficar um tempo grande em Belém, coisa que, para ele, era muito incômoda e complicada. Ao mesmo tempo em que lutávamos com exames e consultas, e também com as nossas emoções, com os nervos à flor da pele, tínhamos que providenciar com urgência uma moradia confortável para nossos pais em Belém, onde seria preciso ficar por um longo tempo. Daí foi criada uma força tarefa com a participação de todos que, juntos, iam providenciando tudo. Em menos de uma semana, alugamos um apartamento, mobiliamos e montamos da melhor forma, para que ficasse com o jeito deles. Procuramos trazer da casa deles peças e móveis que fossem bem familiares.



Em Brasília, Genis visita a bisneta Leticia



*João Angelo, Janete,
Genis e Girlene*



João Angelo, Priscila com a filha Leticia ao colo, Genis, Janete e Girlene

Conseguimos, com muito esforço e persistência, um apartamento no mesmo prédio em que mora Gerusa, filha de Genis, e isso foi muito bom, pois contamos muito com o apoio dela e de seu esposo, que foi sempre muito prestativo, dando muita atenção e muito carinho, e também de suas duas filhas. Essas netas foram muito dedicadas e carinhosas e devotaram-lhe muita atenção. Não deixaram de visitá-lo um só dia. Aliás, iam várias vezes ao dia. Se não compareciam pela manhã, ele sentia logo a falta e perguntava por elas. Laura desempenhou um papel muito importante nessa jornada. Eu a via como um anjo escolhido por Deus para dar leveza, amor e paz para ele. Sua presença, cheia de compaixão, sensibilidade e ternura, era como um bálsamo. Os netos, em geral, foram muito carinhosos o tempo todo. Uns de maneira muito prestativa, contribuindo na tarefa de levá-lo e pegá-lo no hospital, nas inúmeras vezes em que foi necessário. Sou grata a todos eles, por tudo o que fizeram e foram para o avô.

Conseguimos marcar uma consulta com a Dra. Paula, médica recomendada por Dr. Paulo, no dia primeiro de fevereiro. Eu e mais dois irmãos acompanhamos nosso pai, para ver se iríamos gostar e se realmente seria aprovada pela maioria. Graças a Deus foi, e a consulta durou mais ou menos 2 horas. Logo nos encantamos com a sua experiência, maturidade e profissionalismo. Ela explicou o tratamento, disse que o cabelo iria cair, mas que isso não era importante, porque cabelo tem raiz e depois cresceria. Ao chegar à casa, ele falou com a mamãe que estava com câncer e ela chorou muito...

Então, só nos restava seguir todas as instruções da médica, e assim foi feito. Primeiro passo: exames,

consultas com cardiologista e anestesista, e uma pequena cirurgia, para a colocação do *Port-a-cath* (cateter de longa permanência totalmente implantado), necessário para fazer toda a quimioterapia. O passo seguinte foi dar entrada no pedido da medicação que não havia em Belém. Tivemos que ir pessoalmente ao setor de compras do Hospital Adventista de Belém, e apelamos ao seu diretor para intervir. Enfim, corríamos para todo lado. Fui pessoalmente ao depósito dos remédios, para conferir cada um, com a receita do médico em mãos. Fizemos o que podíamos e o que não podíamos. Foi uma força tarefa, um grande processo de acompanhamento da chegada desses medicamentos. Tudo era novo para todos nós, e nos vimos envolvidos num misto de sentimentos, como medo, ansiedade, coragem, força e fé. A labuta era grande, complexa, triste, mas estava apenas começando. O *Port-a-cath* foi colocado no dia 5 de fevereiro. A primeira sessão da químio foi marcada para o dia 8 de fevereiro, devido à dificuldade de comer, que só aumentava. Diante da gravidade e da dificuldade, ele estava muito compreensivo, aceitando tudo sem revolta nenhuma.

Um dia antes da químio, ele estava super bem. Cortei as unhas das mãos, dos pés, ficamos conversando, rindo, tudo tranquilo. Perguntei se desejava alguma fruta, e ele disse que queria uma tangerina. Sentou-se tranquilo e começou a chupar com todo cuidado, sem a pele, mas, infelizmente, o primeiro gomo parou na garganta, e ele sentiu uma grande dificuldade para engolir. Dizia que estava parado, e tentava colocar para fora. Procurei manter a calma, ofereci-lhe água e depois ele veio para

a sala, mas continuava dizendo que estava parado na garganta. Era uma agonia muito grande. Isso me deixou muito triste e preocupada. Vimos, então, que a alimentação, dali em diante, tinha que ser só pastosa e bem fluida.

Início do tratamento

A tão esperada e necessária primeira sessão da quimio chegou, e fomos para o hospital ele, eu e mais três irmãos. Tudo novo para nós todos, mas estávamos esperançosos e confiantes. Cada medicação que iniciava era uma oração e um pedido. A sala era bem tranquila, a técnica e a enfermeira foram super amorosas e “leves”. A sessão finalizou depois de umas 4 horas, e ele saiu de lá com uma bomba infusora para continuar a medicação por 72 horas. Fomos para casa e, ao chegarmos, ele tomou um pratinho de sopa de legumes e, como sobremesa, um sorvete de açaí. Esperávamos uma porção de reações, aqueles efeitos colaterais indesejáveis, o que é normal acontecer nesse momento, do tipo febre, diarreia, dores, tontura, vômitos etc., mas, graças a Deus, o guerreiro não sentia nenhuma reação. Forte como um touro, seguia em frente sem reclamar.

Fomos informados também sobre a fosfoetanolamina, uma medicação ainda não autorizada pela Anvisa, porque não estavam concluídos os estudos científicos que comprovariam a sua eficácia. Era fabricada pela Universidade de São Paulo e não estava à venda no



Os filhos Joselias, Jefferson, João Angelo e Josêmia acompanham Genis na primeira seção de quimioterapia



Brasil. Pesquisamos muito e ficamos sabendo que o acesso a essa substância só seria possível mediante processo na justiça. Decidimos, então, entrar e, para surpresa nossa, logo saiu um parecer favorável. A droga ficou de ser enviada por sedex, porém até hoje não chegou...

Os estudos com essa substância foram iniciados no começo dos anos 90, pelo professor Gilberto Orivaldo Chierice, no Instituto de Química de São Carlos, da Universidade de São Paulo.

Sempre alguém nos indicava tratamentos alternativos. Em momentos como esses, todo mundo tem uma receita. Dieta das frutas, do suco, melão de são caetano, chá de gengibre com canela, passiflora etc., mas, basicamente, só fizemos uso do avelós, que soubemos ter efeito sobre vários tipos de câncer. Esse produto foi indicado por um amigo da família, o Sr. Damião Pereira Dias, o qual afirmou que sua mãe fez uso e sentiu-se muito bem. Rapidamente quase todos os parentes e amigos estavam sabendo e se sensibilizando muito com tudo. Mensagens, telefonemas e visitas não paravam; eram constantes.

Visita dos irmãos, que moravam no Rio de Janeiro, em Eunápolis (BA) e em Nova Venécia (ES) e já não o viam há algum tempo. As três irmãs que moram no Pará sempre o visitavam. Também o irmão que mora em Salvador fez várias visitas.

Em cada vida permanecerá para sempre a marca dos ensinamentos recebidos desse grande homem.

Os dias foram passando e as três primeiras sessões transcorreram bem. A deglutição ficou um pouco melhor. A rotina da químio era assim: no hospital, às segundas,



Genis, Edir e Walter De Prá



Genis e Raphael



*Leônidas, Carmen, Genis, Luci
Aristen e Glycerio*



*Renato, Margarete, Genis e a
irmã Lourdes*



terças e quarta-feiras de uma semana, e por 4 dias seguidos; a partir da sexta tomava uma vacina, para aumentar a imunidade; na semana seguinte, fazia exames de sangue e tinha consulta médica.

A médica ficava impressionada, pois os leucócitos estavam bem, só começando a apresentar uma pequena anemia, mas era normal, devido ao tratamento. Ela admirava-o, por não ter tido nenhuma reação, já que a dosagem prescrita era muito alta, e nas duas primeiras sessões nada aconteceu. O próprio cabelo, só começou a cair depois do terceiro ciclo. Esse foi outro momento delicado e difícil: levá-lo ao barbeiro para raspar o cabelo. E lá fomos eu e meu cunhado Marcão. Quando a máquina começou a passar pela cabeça do meu pai, as lágrimas rolaram pelo rosto do Marcão. Aliás, isso ocorreu por todo o tempo e, até hoje, ele ainda chora muito quando se lembra do papai. Ele o considerava não só o sogro, mas seu segundo pai, um amigo e um parceiro de conversas sempre acompanhadas de um bom vinho. Papai também tirou de letra, agiu aparentemente de forma natural. Compramos uma boina, que ele curtiu muito, até porque o pai dele (meu avô) usava sempre uma, como um bom descendente de italianos. E, aqui para nós, ele ficava super charmoso e elegante.

Ele dizia para a médica que todo pai queria ter os filhos que ele tinha. E nós rebatíamos, retrucando que todo filho queria ter um pai como ele. Sempre falava com muito orgulho da família que tinha.

A bisneta Letícia, que recebeu a visita do bisavô em janeiro, foi visitá-lo. Que encontro lindo! O seu sorriso, num momento tão delicado, foi uma bênção.



Genis e a bisneta Letícia

*Vovô Victório,
pai de Genis*



Na consulta seguinte à terceira sessão, tivemos uma boa notícia. Foi observado que um grande gânglio ao lado do pescoço, o qual era responsável pela forte dor que sentia no braço, havia desaparecido. Isso comprovava que a medicação estava respondendo bem ao que se propunha, porém ele havia emagrecido muito. Por esta razão, teria que diminuir em 15% a dose dos remédios. A médica pediu um novo *Pet Scam*, para uma nova avaliação, o qual foi feito em abril. Logo após ter sido realizado, foi feita a quarta sessão de químio. Ele começou a se queixar de muito cansaço, e dizia que já não estava mais aguentando tudo aquilo. Realmente, eram muitas coisas, muitos remédios, químio, exames de sangue, consultas, ressonâncias, endoscopias, transfusões de sangue etc.

No final de abril, saiu o laudo do *Pet Scan*, e a mensagem da médica com suas exatas palavras: “Resposta excelente! Fiquei surpresa e feliz com a redução tumoral evidenciada no PET”. Isso nos encheu de alegria e ânimo, mas percebemos que não o deixou alegre, porque, infelizmente, os sintomas graves da doença não haviam diminuído, e ele sabia bem que, por maior que tenha sido a redução (30%) do tumor, os incômodos estavam ali no seu dia a dia.

Meu coração ficava partido ao vê-lo tão tristonho, desanimado e quietinho. Só conseguia andar apoiado em alguém, porque sentia-se tonto e fraco. Esta era uma imagem que me chocava, e eu também já não conseguia ter alegria com mais nada. Não tinha vontade de fazer nada. A única coisa que queria, era vê-lo bem, e isso estava ficando cada vez mais distante. Mas eu continuava firme ao seu lado, dedicando todo o meu tempo, meu amor, meu carinho e minha força para cuidar dele em cada detalhe. Todas as noites levava-o para o quarto, pedia a “bênção” a ele e a mamãe e desejava uma “boa noite” aos dois. Depois ia para o meu quarto e fazia as minhas orações sempre na intenção dele. Todas as manhãs, levava-o para tomar sol, colocava música italiana para distraí-lo, cuidava com todo amor e carinho da alimentação, dos remédios que precisava tomar, massageava seus pés e fazia muitos outros mimos.

Os fatos continuavam a acontecer. Ele, às vezes, estava um pouco abatido emocionalmente e muito emotivo. Começou a ficar quietinho, um pouco triste e comovido por tudo. Afinal, eram muitas coisas acontecendo na sua vida. Mudara de uma cidade onde andava por tudo



*Tomando sol em
10 de maio de 2016*

*“O sol era a certeza
de uma luz Divina.”
(Jefferson)*

sozinho, onde conhecia todo mundo, e passou a viver engaiolado, saindo o tempo todo para consultas, exames, procedimentos e químio. Sentia-se cansado de tudo e muito pensativo.

Não bastasse tanta coisa lhe acontecendo, os sintomas começaram a aparecer: tontura, fraqueza, ora diarreias, ora constipação, teve ainda uma lesão do tendão calcâneo (rompimento do Tendão de Aquiles). Como não podia fazer a cirurgia naquele momento, um dos médicos que o atendeu recomendou o gesso por 10 dias, o que o deixou muito chateado, pois o pé inchou muito e era muito incômodo e muito pesado. Em visita a outro médico, foi pedida

uma ressonância e imediatamente retirou-se o gesso. Ele foi orientado a usar uma bota por 45 dias. Antes de contratarmos uma massagista profissional, eu aplicava massagens diárias com óleo de andiroba, arnica e sebo de carneiro. As massagens prosseguiram até os últimos dias da sua vida, pois ele adorava e ficava muito relaxado com as músicas suaves que colocávamos. O momento da massagem passou a ser um alento para ele.

As dores seguiram incomodando e começaram a aumentar muito. Foi preciso iniciar o uso de morfina e, com isso, sentia tonturas. Era muito delicado o momento, pois, se não tomasse, sentia dores insuportáveis, e se tomasse, tinha os efeitos colaterais.

A dificuldade de engolir continuava e provocava engasgos com os comprimidos, que passaram a ser triturados e coados para facilitar a ingestão. Os dois ovos caipiras que tomava todas as manhãs, há mais de 50 anos, já não desciam bem. Até a água começou a ficar difícil de descer. Tudo o que tentava engolir era um sofrimento, pois, além da dificuldade de descer, ele expelia uma saliva grossa e isso o deixava irritado e triste. A alimentação já estava sendo toda líquida, batida no liquidificador e coada. Tomava muita água de coco e também se alimentava com um suplemento líquido comprado pronto, receitado por um nutrólogo. Conversávamos muito com ele, e pedíamos para continuar tendo paciência. Todos nós víamos e entendíamos o sofrimento desse tratamento e sabíamos que ele estava aguentando o que poucas pessoas aguentariam.

Com o passar dos dias, as dificuldades para se alimentar foram aumentando muito e chegou a hora de

pensarmos em colocar uma sonda. Na consulta que antecedeu a gastrostomia, o médico nos orientou a procurar cardiologista, anestesista e pneumologista, além de solicitar uma bateria de exames. Diante desse fato, foi preciso dar uma pausa maior na quimioterapia, para providenciarmos tudo. Este foi mais um momento delicado para todos nós: submetê-lo a uma cirurgia. Embora ele não estivesse com vontade de fazer, não havia alternativa. Cada dia ficava mais difícil alimentar-se, por causa da dificuldade cada vez maior de engolir, o que o deixava muito fraco e perdendo muito peso.

Era muito triste, para uma filha que ama muito um pai, vê-lo passando por tamanho sofrimento. Ver que ele sentia fome e não conseguia comer; tinha vontade de comer uma determinada comida e não podia; ver que ele se esforçava para comer algo que gostava muito e se frustrar por não conseguir; ver colocar na boca e voltar, por não conseguir engolir mais nada; olhar em seu rosto e ver as lágrimas rolarem; olhar para a sua alma e ver o cansaço da luta e, mesmo assim, ainda conseguir enxergar a força e a bravura de um lutador. Vê-lo também sem reclamar, mas sentindo um desconforto grande de tanto ficar sentado, por não conseguir mais ficar em pé, porque as pernas estavam fracas; ver o incômodo das insuportáveis dores da coluna. E tínhamos ainda a batalha de arrumar um jeito de fazer o nosso guerreiro se alimentar.

E eis que surgiu uma nova possibilidade: uma prótese esofágica. Mas tínhamos que decidir logo entre as duas opções: fazer a gastrostomia (cirurgia para colocar a sonda da alimentação), o que seria delicado, porque há

40 anos foi feita uma gastrectomia – retirada de uma grande parte do seu estômago – e esta teria que ser com anestesia geral, ficaria internado por dois ou três dias e com a mangueirinha na barriga, onde seria colocada, através de uma seringa, a refeição liquidificada e coada. A outra opção seria a colocação da prótese no esôfago, para abrir um pouquinho mais e lhe dar condições de se alimentar. Mesmo assim, seria líquida e pastosa bem rala. Todas as duas opções têm riscos, tem prós e contras. Tudo deveria ser bem pensado e analisado. E como decidir isso entre 11 irmãos? Eu, sinceramente, apesar de estar vivendo o momento mais triste de minha vida, em que não via graça em mais nada, só queria estar pertinho dele, dando meu carinho. De certa forma, agradecia muito a Deus, por estar podendo dar o meu tempo, amor, atenção e companhia a ele, um grande merecedor disso e muito mais.

Depois de ouvir a sua opinião e também da médica que o acompanhava, optamos pela prótese. Como a cada dia fechava-se mais a passagem dos alimentos, era urgente a intervenção. Corremos para providenciar tudo e, assim, a prótese esofágica foi colocada. A intervenção durou em torno de 2 horas. Ficamos no hospital um pouco mais e retornamos para casa no mesmo dia, uma quinta-feira. Na sexta, ele sentiu um pouco de desconforto, reclamou de dor, mas achamos que seria normal. No sábado pela manhã, ele acordou sem conseguir engolir nem saliva, nem água. Sentia-me impotente diante dessas situações, mas fiz contato com o médico, e ele pediu que o levássemos com urgência para o hospital, para ser examinado. Infelizmente, mais um sofrimento.

A prótese se deslocou e teve que ser reposicionada. Com isso, ficou internado por dois dias, pois precisava tomar medicamentos, soro e sangue. Ao voltar para casa, passou uns 15 dias se alimentando um pouco melhor, o que nos deixou confiantes. Voltou a tomar o açaí e a comer ovos, iogurtes, sorvetes, abacate, carne moída e outras coisas saudáveis e do seu agrado.

Para nosso desalento, a melhora não demorou mais que 15 ou 20 dias. Fomos orientados, pelo médico que a colocou, a fazer outra endoscopia, para que ele pudesse avaliar. O médico disse que a prótese estava bem fixada, parcialmente recoberta, armada e bem alocada, facilmente transponível pelo aparelho, não tinha saído do lugar, enfim, com ela tudo estava bem. No entanto, ele verificou que havia uma lesão estenosante com abaulamento, a presença de recesso com formação de discreto divertículo que podia ser um linfonódulo, do próprio

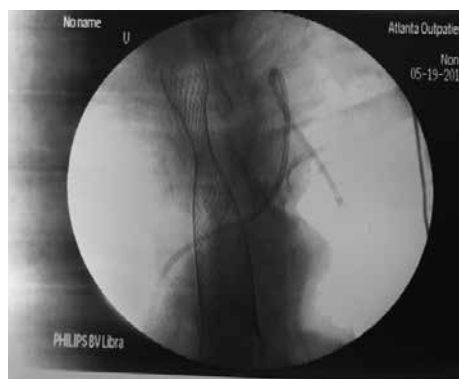


Imagem da prótese

tumor, apertando a entrada da prótese, que poderia estar impedindo a deglutição dos alimentos. Por esta razão, ele fez uma dilatação endoscópica, com um balão hidrostático. O procedimento abriu um pouquinho e por alguns dias ele voltou a se alimentar melhor.

Pedíamos a Deus que a químio pudesse combater essa lesão, para que ele continuasse a se alimentar, já que estava crescendo muito rápido, e esse procedimento não poderia ser repetido muitas vezes. E cada vez ia ficando mais difícil e complicado. Só nos restava pedir a Deus que olhasse por ele, que lhe desse dignidade para conseguir comer. Ao olhar para ele, já percebíamos o cansaço de tudo. Era uma batalha muito árdua. Infelizmente voltou a ter dores muito fortes, e ele mesmo disse: “Esse câncer, em vez de melhorar está piorando. Eu pensava que iria ficar bem melhor, mas estou cada vez pior.” Como aguentar ouvir tal coisa? Como doía ouvir isso!

Para lhe dar um pouco de qualidade de vida, a médica prescrevia um monte de exames, para investigar tudo o que fosse possível de ser tratado, mas a maldita doença se alastrava com toda força...

Eu e mamãe, que morávamos com ele, percebíamos a cada minuto a luta, o sofrimento, e isso nos deixava totalmente comovidas. Meu Deus, que coisa mais triste, estar sentada à mesa com ele, vendo-o tentar comer e não conseguir descer nada! Cada hora ficava mais apertado e a dor mais intensa; parecia que ia desmaiar! Conseguíamos ouvir, na garganta dele, o borbulhamento (era como se fosse o barulho de uma pia entupida, onde a água voltava fazendo aquele som do entupimento), quando tentava beber ou comer. Como era difícil assistir

a uma cena dessas e não poder fazer nada a não ser segurar sua mão! Vivíamos o tempo todo criando diferentes possibilidades de pratos. Eu, minha mãe e minhas irmãs ficávamos tentando fazer tudo com muito amor e carinho e com o melhor tempero possível, para lhe dar ainda este prazer.

Um belo dia, mais especificamente na quarta feira do dia 22 de junho de 2016, fiquei preocupada, porém muito mais feliz com o que vi: papai em pé diante do espelho do banheiro fazia a barba com a sua navalha (que deve ter uns 60 anos). Vi isso como uma benção, pois há muito tempo ele não tinha essa disposição. A minha preocupação era porque ele andava muito fraquinho e tonto, e eu temia que pudesse cair ou se cortar, mas foi emocionante ver esta cena. Era assim. Ficávamos felizes e emocionados com as simples e pequenas coisas feitas por ele, como um assovio, quando queria marcar os jogos da Mega Sena e Lotofácil, quando deu um sorriso bonito, ao pegar a bisneta no colo, e outras situações que amenizavam o sofrimento provocado pela doença.

E chegou o dia 26 de junho, quando completou 85 anos. Foi um domingo e organizamos um almoço para toda a família num restaurante, em um ambiente grande e acolhedor, com tudo que ele tinha direito: boa comida, um bom piano, um bolo para os parabéns, os 11 filhos, a esposa, os 22 netos, as noras e os genros e os namorados e as namoradas dos netos. Brindamos a vida dele. E assim, não poderia faltar um bom vinho, do qual, totalmente liberado pela sua oncologista, tomou uma taça, depois de 6 meses sem beber. E quem conhece bem o Sr. Genis sabe o quanto ele era amante de um bom vinho!



Família reunida no aniversário de Genis

No dia seguinte, partimos para a oitava sessão de quimioterapia. Como todas, essa foi aplicada diariamente de segunda a quarta, e ele passou bem até o sábado. Dessa vez, entretanto, ele ficou muito tonto e muito fraco, com falta de ar, cansaço e dores ainda mais intensas. Gemia de dor, e a cada dia aumentava-se a dose do Dimorf (morfina) e do Durogesic (adesivo para combater a dor), mas quanto mais aumentava esses remédios, mais tonto ele ficava.

Estávamos no hospital, para que ele pudesse tomar uma bolsa de sangue. Não era de reclamar. Nunca vi uma pessoa suportar tanto sofrimento sem ficar nervosa. Andava muito calado, quieto e um dia me perguntou: “Será que estou com depressão?” Respondi: “Pai, acho que não, mas é natural que o senhor esteja com sensações desse tipo, entendendo muito bem. Sei o quanto está difícil e o quanto estás sofrendo, mas queremos muito o senhor junto conosco por muito tempo ainda, porque te amamos muito e gostamos de sua presença entre nós.”

Todos os profissionais (técnicos, enfermeiras, atendentes, médicos etc.) que passavam por ele, o elogiavam. Diziam que ele transmitia paz, que tinha energia boa, que era muito bom, educado, bem-humorado, enfim, enchiam-no de elogios. E, realmente, eu ficava admirada com isso, porque, às vezes, mesmo quieto, já entravam elogiando, como se sentissem no ar a luz de bondade e leveza que emanava dele. Ele sempre brincou, sorriu e foi calmo e simpático com todos. Costumava dizer que tratar bem ou mal os outros dava o mesmo trabalho. Ele sempre tratou a todos muito bem. Como diz o velho ditado: “Receberás sempre o que desejas aos outros.”

E a labuta continuava. Mesmo depois das oito sessões de químio, com a colocação da prótese (que não atingiu o benefício esperado), e das duas endoscopias feitas para a dilatação com o balão hidrostático, a dificuldade de engolir só aumentava. Incrivelmente, se ficássemos bem perto dele, quando colocava a água na boca, ouvíamos aquele borbulho. O estado dele estava muito delicado. Eu ficava perguntando à oncologista se não existiria outro procedimento ou uma pequena cirurgia para retirar a parte do tumor que cobriu a prótese. Operar pelo menos essa área, para desobstruir a passagem dos alimentos. Claro que essa era a pergunta de uma filha desesperada, sem noção do que estava pedindo, já que seria completamente impossível, devido ao grau de avanço da doença.

De janeiro até julho, ele já havia perdido 9 quilos. Para quem bem o conhecia, e sabia que sempre foi esbelto, essa perda era muito significativa e precisava urgentemente de aporte nutricional, para ter um resultado mais satisfatório nas quimioterapias. Não dava mais para esperar. Era preciso colocar a sonda. Por causa do estágio avançando do tumor, já não seria possível fazer por via endoscópica. Como ele já havia feito uma gastrectomia parcial há 40 anos, e por ter a estenose de esôfago, só seria possível colocar a sonda por cirurgia, a gastrostomia.

E a corrida continuava. Consultas médicas com gastro, cirurgião, anestesista, cardiologista, pneumologista, enfim, todos os exames necessários para uma cirurgia. E o nosso amado Pai, cansado, mas ao mesmo tempo incansável, submeteu-se a tudo novamente. Então, cancelamos a nona sessão de químio, que seria na semana seguinte, para providenciarmos tudo para a nova cirurgia.

Enquanto nos preparávamos para a nova intervenção cirúrgica, uns dois dias antes do marcado, ele teve febre e começou a tossir. Apareceu uma secreção e entrei em contato com o médico, que prescreveu um antibiótico. Ficou tomando por uns dias em casa, mas, infelizmente, não teve melhora. A febre não passava, a fraqueza era intensa, e tosse, e secreção e, pior de tudo, já não descia mais nada. Partimos então para uma consulta, na qual a médica pediu internamento no mesmo dia, 25 de julho. Com isso, a cirurgia para colocação da sonda alimentar não pôde ser realizada.

Internamento

Agora se iniciava outra luta: papai está internado no apartamento 108 B, do Hospital Adventista de Belém. Dia 25 de julho de 2016, uma segunda-feira. Nesse primeiro dia, ele estava acompanhado por mim, dois irmãos e uma neta. Foi um corre-corre. Ele não gostou nada da ideia de ter que ficar internado, mas, enfim, lá teríamos mais recursos para tratar dele. Foi pedida mais uma bateria de exames laboratoriais, hemoculturas e urocultura, raio X, tomografias do tórax e pescoço, entre outros. Começou a tomar sangue e soro. A internação praticamente foi pensada com a intenção de alimentá-lo, já que o tumor no esôfago obstruiu o caminho da passagem dos alimentos.

No dia seguinte, seria o aniversário de 80 anos de minha mãe. Por isso, os netos se reuniram e fizeram uma

surpresinha no apartamento, para não deixar passar em branco, atitude que ele aprovou.

Nos primeiros dias, fiquei direto com ele. Depois nos revezávamos. Nas três primeiras noites, ficou um pouco agoniado, acordou diversas vezes, mas conseguiu ir ao banheiro andando. A tosse, porém, não cessava, ainda que estivesse tomando os medicamentos. Mesmo internado, saímos para ir fazer outro *Pet Scam*. Mais um sofrimento. Lá ia o incansável guerreiro! À medida que saíam os resultados dos exames, íamos ficando mais preocupados e tristes. Foi acusada uma pneumonia aspirativa e, por isso, teria que entrar com um antibiótico para ser tomado durante 10 dias. A dieta passou a ser zero. Nada mesmo, nem água. Com isso, teve que fazer um procedimento para a colocação da alimentação parenteral. Fomos a seu lado até a porta de entrada da sala de cirurgia. Oh, quanta vontade de poder entrar e ficar pertinho dele, segurando-lhe a mão e acompanhar tudo! Mas isso não era possível. Então, ficamos rezando na porta.

Procedimento realizado com sucesso, voltamos para o quarto do hospital e teve início a alimentação parenteral. Os remédios que teria de usar, os que deveriam ser por via oral tiveram que ser suspensos, porém os sintomas de cansaço, falta de ar, tosse, febre e batimentos cardíacos fortes continuavam. No dia seguinte, ainda consegui fazê-lo andar um pouquinho no corredor do hospital. Talvez essa tenha sido a última caminhada dele, isso no dia primeiro de agosto.

Continuava quieto, não gostava de barulho e estava um pouco apático. Mas as visitas eram muitas e tornava-se

difícil controlar e fazer as pessoas entenderem e respeitarem esse momento. Todo mundo queria manifestar seu apoio, seu carinho, seu amor, mas ele já não estava com entusiasmo e nem com vontade de conversar. Apesar de tudo, não posso deixar de dizer que, mesmo internado e nessas condições, ele era um homem correto, ético, justo, honesto, responsável e cumpridor de sua palavra. Sempre me lembrava do pagamento das contas e me perguntava se o salário das empregadas havia sido pago. Enfim, honrava todos os seus compromissos com muita disciplina, no tempo certo, até o último momento.

Outra coisa que me encantava no meu amado Pai, era que, apesar dos seus 85 anos, tinha suas fontes de trabalho, de produzir, de fazer dinheiro. Tinha o controle de suas colheitas de café, de acompanhar seu gado crescer no tempo certo, para poder vendê-lo e comprar mais, para ter a certeza de que sempre teria uma situação equilibrada, para manter-se de forma confortável, sem necessariamente depender dos filhos. Preocupava-se em deixar minha mãe com uma situação financeira tranquila, tudo correto. Claro que podia contar com a ajuda dos filhos, sempre. Afinal, quem os educou e criou num ambiente de união e amor, com valores como justiça, honestidade, caridade, generosidade, misericórdia e responsabilidade, foram ele e ela. O que plantou, colheu.

Saiu o resultado do *Pet Scam* e a oncologista me chamou para explicar tudo. Mais uma vez, um resultado delicado, muito triste. Falou da gravidade desse momento e do quanto tudo estava entrando na reta final. Pedi-lhe que explicasse a todos os irmãos, pois, para mim, era demais, sozinha, ouvir tudo aquilo e repassar para todos.

Ela prontamente me atendeu e marcou uma reunião com todos os filhos. Assim, fomos para essa triste reunião, na qual ela falou de uma expectativa de vida pequena, mas não precisou um tempo. Disse que o tumor tinha avançado muito, quase 50%. Nessa reunião, decidimos todos que ele iria, assim mesmo, fazer a gastrostomia, e a médica concordou, mas aproveitou o momento em que se encontravam todos os filhos, para resguardar-se de possíveis tomadas de decisão mais adiante, como, por exemplo, se a família permitiria que o levassem para a UTI? Unanimemente respondemos que não, pois queríamos poder ter o contato e interagir com ele o tempo todo. Perguntou também se, em caso de muita necessidade, permitiríamos que fosse sedado. Este foi um ponto muito delicado e polêmico, pois achávamos muito triste ter que sedá-lo, pois estava extremamente lúcido, mas resolvemos que somente em caso de muito sofrimento poderia. Foi uma reunião muito boa, apesar das notícias tristes, mas todos saíram bem informados e compreendendo a real situação. A médica foi muito didática, clara e demonstrou ser uma grande profissional e com muito conhecimento. Com isso, ganhou a confiança e o carinho de todos, pois demonstrou também muito desvelo pelo nosso amado Pai.

A cirurgia correu bem, ele saiu e foi direto para o quarto. Foi feita uma jejunostomia, porque o estômago estava muito pequeno. Essa cirurgia foi realizada no dia 8 de agosto de 2016. No dia seguinte, o nutrólogo prescreveu a alimentação pela sonda. A partir dessa data, contratamos uma enfermeira para passar a noite juntamente com dois irmãos, e foi assim até o final. Sempre

nos revezávamos. Eu sempre insistia em falar com todos os irmãos que talvez fossem as últimas chances que estávamos tendo nesta vida de demonstrar nosso amor, respeito, carinho, paciência, compreensão, dedicação e afeto por ele.

No dia 11 de agosto, ele recebeu uma visita que o deixou surpreso e emocionado: Cleto Dalarme, seu parceiro de trabalho há 44 anos, que até hoje cuida da fazenda em Santa Rosa da Cachoeirinha, Nova Venécia (ES), com muito carinho.



Visita do Cleto Dalarme no Hospital Adventista de Belém

Chegou o Dia dos Pais. Sugerí aos 10 irmãos e à mãe irmos todos dar um abraço nele, para que pudesse ter o prazer de ver seus 11 filhos juntos, coisa que sempre falava com muito orgulho. E assim fizemos. Foi lindo e muito emocionante. Um dos irmãos leu uma mensagem muito bonita, escrita por ele, mas representando todos. Depois, cada um lhe deu um beijo e um abraço, dizendo: “Eu te amo”, “Você é meu maior tesouro”, “Você é meu herói”, “Você é o meu melhor exemplo”. Enfim, várias frases extremante carinhosas, amorosas e verdadeiras. Sentimos que ele ficou muito emocionado, mas tenho certeza de que fizemos a coisa certa. Foi uma linda homenagem! Ele olhava piedosa e carinhosamente para cada um, como se ali ele sentisse dó de partir e deixar o convívio caloroso da grande e linda família que sempre o orgulhou. Esse dia, com certeza, todos nós guardaremos na lembrança para o resto de nossas vidas.

Coincidência ou não, foi exatamente nesse dia que ele já não conseguiu mais falar. O tumor mostrava mais um sintoma devorador. Nós, filhos, presenciávamos momentos muito difíceis para ele. Tinha dias que meu coração ficava despedaçado. A cada dia, ele perdia uma capacidade. Como se não bastasse não conseguir comer, nem beber água, nem engolir a saliva, a voz começou a sumir. Que doença cruel!

A mensagem a seguir foi lida no leito do HAB em 14 de agosto de 2016, no Dia dos Pais.

Pai,

*Neste dia tão especial, que por 61 vezes o senhor vive-
ciou, queria dizer ao meu querido pai que o senhor foi o*

melhor pai do mundo e que todo filho do mundo queria tê-lo como pai. Falo isso em meu nome e tenho certeza de que em nome dos outros 10 filhos.

Queria eu, como pai, ser somente a metade do pai que o senhor sempre foi: amigo, companheiro, conselheiro, um verdadeiro herói, enfim, um exemplo para todos nós, que sempre nos ensinou os melhores princípios da vida: bondade, honestidade, respeito, amizade, simplicidade, humildade.

Obrigado por tudo e pelo seu exemplo de vida.

Do seu filho que te admira e te ama muito.

João Angelo Deprá, 14/8/2016

A Dra. Amanda, depois de ter presenciado e participado um pouco desse dia junto com todos nós, comovida e muito sensibilizada com o clima de tanto amor, à noite nos escreveu uma mensagem: “O Sr. Genis é um ser humano de pura luz. Um diamante raro na coleção do criador.”

As malditas dores continuavam muito fortes, mesmo com dipirona, durogesic, tramau, e dimorf e outras medicações. O quadro começou a ficar delicado com o surgimento das dores nas costas e por todo o corpo, em função de estar muito tempo deitado na mesma posição, sem praticamente se virar. Para resolver isso, foi tentado o alívio com a solicitação da enfermeira curativa, a qual colocou adesivos de placas de silicone de algas marinhas nos lugares que possivelmente iriam ferir.

O quadro prosseguia evoluindo com dor oncológica, tosse, expectoração e disfagia. Sem conseguir se alimentar, o abdômen começou a inchar, começou a urinar pouco e de coloração escura, os leucócitos subiram muito



Dra Amanda e os 11 filhos de Genis e Carmen

(voltou a usar antibiótico), constipação, desidratação, começou a precisar de oxigênio, teve que colocar uma sonda para urinar, a sonda da GTT não cicatrizou, devido ao estado geral dele, ficava saindo a bilis e também sangrava muito. Os curativos eram trocados diversas vezes durante o dia e a noite. Água, para saciar a sede, só com algodão molhado que introduzíamos na boca. A alimentação foi suspensa por completo, e este foi outro momento devastador. Ele olhou para o alto e, ao perceber que já não tinha ali a bolsa da alimentação, comentou: Nem alimentar mais eu posso? (Segundo as informações médicas, a alimentação metabolizada, como era o caso, só iria alimentar mais o tumor e não a ele.) Infelizmente, nessa fase terminal da doença, o suporte paliativo não recomendava mais a nutrição parenteral, por se considerar terapia pouco útil.

Ele, completamente lúcido, assistia a todo esse processo desgastante, doloroso e sofredor. Não era nada fácil ver o Pai amado, frágil e dependente, sem que pudéssemos fazer nada para lhe devolver a saúde, assistindo a morte chegar aos poucos. Muito triste para ele e para todos nós também.

As visitas dos profissionais eram constantes. Médicas, enfermeiras, técnicas, fisioterapeutas, psicólogos, padres, pastores, enfim, todos envolvidos e dispostos a oferecer-lhe o que havia de melhor. A equipe médica foi fantástica! Excelentes profissionais, humanas, atenciosas e carinhosas. As condutas médicas sempre foram adotadas para amenizar o sofrimento. Ele tinha a certeza de que estávamos todos fazendo tudo que fosse possível e sempre manifestava gratidão por tudo o que estava recebendo de atenção e cuidados.

Já nos últimos dias, a médica sugeriu que colocássemos picolé na sua boca, para ele ter o prazer de sentir o gosto. E assim fizemos. Compramos de limão e morango, que eram de sua preferência, e começamos a colocar na sua boca. Ele só conseguia sentir o sabor e logo cuspia, porque, nessas alturas, nem a saliva descia. Era de cortar o nosso coração, ver o prazer e a vontade com que ele chupava. Parecia estar provando a maior delícia gastronômica.

Queríamos a todo custo oferecer-lhe muito carinho e mimos, já que nada mais podia ser feito. Um filho, o José Vitório, fez a sua barba, eu cortei e lixei as unhas das mãos e dos pés, fazíamos massagens nos seus pés constantemente, a massagista dele (Dona Tereza) continuava indo atendê-lo, mesmo estando hospitalizado, porque isso era

uma coisa que ele gostava. Ficávamos ao seu lado acariciando-o o tempo todo e cuidadosamente observávamos qualquer movimento, para tentar adivinhar o que poderia ser melhor para ele, e prontamente atendíamos. Ele se encontrava bem emotivo, e percebíamos lágrimas rolando em seu rosto. Ficou muito emocionado, quando viu um irmão entrar no quarto para visitá-lo. Aliás, todos os irmãos e irmãs estiveram muito presentes nesses últimos meses de vida dele. Outras visitas deixavam-no emocionado, como os sobrinhos da mamãe, que também são de Santa Rosa da Cachoeirinha. Ele até sinalizou para tirar fotos com eles.

Ele segurava fortemente as mãos de quem o visitava e, quando as pessoas se despediam, era como se fosse,



Carmen, Josêmia, Genis e a família Bravim

para ele, a despedida definitiva mesmo. Esse ato se repetia com os filhos, filhas, noras, genros, netas e netos, e com os amigos também.

Esses momentos vividos com nosso amado, nesses últimos dias de vida, ficarão eternamente gravados em nós. O que nos alivia um pouco é saber que lhe demos o melhor de nós, que fizemos o que podíamos e nos dedicamos inteiramente. Foi muita entrega nossa. Esse conforto pudemos lhe oferecer.

As medicações começaram a ser suspensas e os exames também. Já não fazia sentido investigar outras coisas, pois nada poderia ser feito. Então, a oncologista achou melhor poupá-lo desse desconforto. Queria silêncio no quarto. Nem a TV queria ligada. Respeitávamos amorosamente todas as suas vontades. E assim foi essa jornada.

Adotamos uma agenda diária nos 36 dias de internamento do nosso amado, na qual anotávamos tudo o que se passava com ele: medicação, exames, seu estado físico, emocional, psicológico, visitas médicas e outras visitas. Assim, todos sabíamos tudo o que se passava em nossa ausência. Essa agenda serviu também para anotarmos as inúmeras mensagens diárias que trocávamos no grupo dos 11 irmãos. Nessa agenda, escrevemos os lembretes importantes, para que todos ficássemos atentos, como: pressão, oxigenação, temperatura, cateter da urina, evacuação, sangramento no curativo, observar os remédios que as técnicas estavam dando, a alimentação que devia ser trocada a cada 24 horas, passar hidratante em seus lábios, exames feitos, observar e acompanhar os resultados etc. Devo admitir que assumi uma postura de “coronel” e provavelmente muita gente não tenha

gostado do meu jeito de agir, mas tudo o que fazia só pensava que era para bem dele, para preservá-lo, dar-lhe conforto, fazer silêncio. Esta era, pelo menos, a minha intenção. Uma técnica de enfermagem até me confessou que o posto todo comentava sobre a exigência da nossa família e também sobre a nossa educação.

Nunca aprendemos tanto sobre saturação/oxigenação, batimentos cardíacos, nebulização, pressão, temperatura, vitaminas, antibióticos, potássio, dipirona, tramau, durogeseic, morfina etc.

Libertação! Purificação! Aceitação e Perdão! Com muita devoção, eu pedia a Deus que abençoasse nosso amado Pai e mentalizava essas palavras nas 24 horas de cada dia.

Um dia antes de ele ser sedado (e nem sabíamos que seria sedado naquela madrugada, porque a sedação poderia ocorrer num momento extremo de dor e incômodo), coincidência ou não, eu e mamãe tivemos um grande momento com ele. Estávamos somente os três, cada uma de um lado da cama e segurando a sua mão, e ele murmurou: “Quero morrer!” Eu respondi: “Pai, isso só vai acontecer na hora que chegar a sua hora, como é para todos nós. Mas eu gostaria de te pedir para evitar ficar pensando nisso. Quando esses pensamentos vierem, procure trocá-los por outros, lembrando-se dos momentos bons, das coisas boas de sua vida.”

Comecei a fazer uma visualização com ele. Falei com bastante calma e dando o tempo para ele realmente se projetar:

Procure agora, Pai, ver e sentir tudo que você viveu até hoje...

Pense agora no dia que você nasceu, o quanto de alegria você deu a seus pais...

Volte lá atrás, pense na sua infância, seus irmãos nascendo, sua família crescendo. Mentalize esse universo de amor que era a sua família...

Lembre quando conheceu a mamãe e começou a namorar, como era bom, como vocês estavam empolgados e felizes, jovens, bonitos, cheios de planos...

Pense no casamento de vocês, como foi bonito! Que dia especial!

Pense na vida nova que vocês dois juntos começaram a construir, na casa de vocês, nos planos de construir uma família grande...

Pense na chegada da primeira filha, e depois no nascimento de cada um dos outros 10 filhos, o que completaria um time de futebol, como você sempre dizia. Como era desafiador, como era sempre uma alegria, a família grande, linda, unida e encantadora vocês conseguiram formar...

Pense na labuta sua e da mamãe para criar, educar, para dar de comer, beber, vestir e cuidar da saúde de cada um. Como vocês eram fortes e guerreiros para conseguir tudo isso. Missão muito bem cumprida...

Pense na chegada de seus netos, que são muitos e hoje quase todos adultos, e o quanto eles te amam e te admiram, e até nas suas duas bisnetas que te adoram, a mais velha (Júlia, de 4 aninhos), como gosta de brincar de bola com você...

Pense, agora, nas pessoas todas de Santa Rosa da Cachoeirinha. Que povo lindo, simples, amoroso, educado, humano, humilde e verdadeiro. Como o senhor

gosta de estar ao lado deles e quanto eles gostam do senhor, te respeitam, te admiram. Uma grande prova disso se dá quando, no torneio entre as famílias, que acontece lá todos os anos, nos quais a nossa família participou nos últimos 5 anos e todos nós íamos, era incrível! Eu sempre observava como todo mundo queria te dar um abraço, conversar um pouco com o senhor; chegavam a fazer fila, e era o dia inteiro. O senhor recebia o carinho de todos, com alegria, sempre bem-humorado, educado com todos e querido...

Pense em Nova Venécia, o tempo todo que morou por lá, quantos amigos queridos e verdadeiros o senhor tem lá. Meu irmão me disse que o ano passado, quando estive lá com o senhor, a cada passo que o senhor dava era parado por alguém que queria te cumprimentar e te dar um abraço.

Pense em Paragominas, que, embora tenha morado por menos tempo (18 anos), o quanto de amizade o senhor construiu, o quanto querido e respeitado o senhor é, nos bancos, nas farmácias, na casa lotérica, na padaria, no supermercado. Enfim, por todo canto que passa, todo mundo vem ao seu encontro, cumprimenta, sorri e brinca. Você, pai, fez amigos e admiradores por onde passou. As crianças da sua rua, quando te viam, logo gritavam “vovô” e corriam para te dar um abraço.

Procure lembrar agora de todas as suas vitórias, todas as suas conquistas, o quanto foram importantes, o quanto te encheram de alegria e orgulho e também aos que estavam ao seu redor. Acesse suas qualidades, suas características, seus valores, tudo o que faz do senhor esse homem especial, de luz própria, amoroso, que

conquista todo mundo. Sinta o benefício de ter tido a sorte de estar ao lado de tantas pessoas interessantes, que gostam tanto de você! Que grandiosidade de riqueza interior que o senhor tem... São essas coisas que o senhor deve acessar aqui, nestes momentos difíceis...

Seus olhos se encheram de lágrimas e ele falou: “Quero pedir perdão a todos vocês, e quero também a você, se referindo a minha mãe, pedir perdão e desculpas por tudo que te fiz, se te magoei.” Ela respondeu: “Já está perdoado e quero também o seu perdão e dizer que te amo muito, sempre te amei, desde quando te conheci...” Ele respondeu: “Eu também.”

Foi um momento lindo! Inesquecível! E sou grata a Deus, por nos ter dado essa oportunidade.

Em seguida, saí do quarto e contei essa magnífica oportunidade que tive a alguns irmãos que estavam ali fora, no corredor do hospital, e estimulei aos outros para poderem também ficar a sós com ele e expressarem todo o seu amor, carinho, gratidão e respeito. Deus estava nos dando esta oportunidade. Assim, quase todos, aos poucos e cada um a seu modo, iam se manifestando nesses últimos momentos de lucidez dele.

Na noite do dia 28 de agosto, dormiram com ele dois irmãos (Jefferson e José Vitório) e ficaram completamente preocupados e desesperados, porque o Pai amado, já não se aguentava, gemendo de dor e delirava, dizendo que queria ir para Santa Rosa (ES). Às 3:10 da madrugada, eles assistiram o médico fazer a sedação. Momento muito triste, tirar a lucidez de um ser humano que, apesar dos 85 anos, era extremamente lúcido. Mas era preciso

e necessário, porque ele não merecia sofrer tanto e, para nós, ver tanto sofrimento também era doloroso demais. Meus irmãos disseram que ele segurava fortemente as mãos deles. Daí, seguiu dormindo sem se mexer, mas com os sinais vitais, saturação, batimentos cardíacos, oxigenação e temperatura normais.

Quando eu ia para casa, sempre pedia a meus irmãos que não o deixassem sozinho nenhum minuto e que tomassem cuidado com o que falassem, porque poderia, nos primeiros momentos da sedação, ainda ouvir alguma coisa. Ao chegar no hospital e vê-lo com a máscara de oxigênio e sedado, caí em prantos... Mesmo assim, apertava a sua mão e continuava a falar, e ele abriu um pouquinho os olhos e também apertava de forma mais branda a minha mão. Não tive dúvidas de que ele conseguiu me ouvir naquele momento, extremamente especial para mim. Penso que ele teve um momento de consciência.

No dia 29 de agosto, à tarde, recebeu visita das três irmãs que moram no Pará e um irmão do Rio de Janeiro, que havia chegado há uns cinco dias e também, naquela tarde, chegou mais um que mora em Salvador. No dia seguinte, chegariam os outros dois, um de Eunápolis e outro de Nova Venécia. Parecia que o universo estava conspirando para que todos o visitassem.

Infelizmente, uma doença cruel, progressiva, que avançava muito rápido e destruía tudo, foi comprometendo, pulmão, fígado e rins. Começou a ficar todo inchado e com a respiração bem fraquinha. Enfim, parecia que tudo estava sendo programado para a partida dele, que aconteceu na madrugada do dia seguinte, 30 de agosto às 2h40. Estavam com ele, Janete, a filha mais velha, e

Jefferson. Coincidência ou não, 30 de agosto é o dia de Santa Rosa de Santa Maria. Nesta data, todos os anos, eram realizados os festejos religiosos da Comunidade de Santa Rosa da Cachoeirinha. Atualmente estão comemorando no dia 23 de agosto, que é o dia de Santa Rosa de Lima.

Em visita na noite anterior, dia 29 de agosto, quando estavam eu, minha cunhada e o marido de minha sobrinha, a médica conversou muito conosco e já deixou no ar que a situação estava muito delicada. Tanto que eu me debrucei sobre os pés do meu amado e chorei muito, como se estivesse me despedindo. Ela falou assim: “Esse guerreiro ainda não partiu, porque a família quer tanto ele por aqui, que ele não consegue ir. Casos assim geralmente acontecem nas madrugadas, porque as pessoas estão dormindo e daí o espírito fica mais livre para partir...”

Fui para casa às 22h10, já com o coração partido, querendo ficar, mas sentindo uma tremenda dor de cabeça. Ao chegar em casa, relatei a situação para o meu irmão (José Vitório) e alertei: “Vou me deitar. Qualquer coisa me chame.” Quando, às 2h20, ligaram do hospital para meu irmão José Vitório e fui acordada, pulei da cama dizendo: “Chegou a hora dele!” Corremos para o Hospital, mas, quando chegamos, havia uns 5 minutos que ele havia partido. Em poucos minutos todos se encontravam no quarto para o triste momento. Ainda tinha uma triste e difícil missão. Ir para a funerária, escolher tudo com muito pesar, mas também com muito amor... Ao retornar ao hospital, o corpo já havia sido retirado do apartamento. Já não restava mais nada a fazer, a não ser dizer:

“Você, Pai amado, estará amarrado em nossos corações para sempre. Você fez muita gente feliz, só pelo fato de existir.”

O velório e o enterro foram em Paragominas, escolhido por minha mãe, por ser o lugar onde eles moravam, e onde ela mora até hoje.

Foi um dia doloroso, saudoso e triste, mas cheio de homenagens, muitas demonstrações de amor, carinho e pesar que chegavam a todo instante, por mensagens, telefonemas e pessoalmente. É confortante ouvir tantas pessoas falarem tanta coisa bonita sobre ele. Eu e toda a minha família recebemos centenas de mensagens, e algumas até quero expor aqui, pois expressam muito bem a grandiosidade do homem de bem que foi o meu amado Pai.

Com o coração partido, comunico aos meus parentes e amigos, que hoje, dia 30/08/2016, às 2:20 h, faleceu, em Belém, Pará, meu primo, compadre e amigo GENIS DEPRÁ, aos 85 anos. O enterro será na cidade de Paragominas, Pará, às 10:00 h de amanhã, quarta-feira. Foi um homem do bem, pai de 11 filhos, filho de Vitório Deprá e Ozilia Fiorio. Casado com Carmen Campos Dell Orto. Cabe-nos rezar por sua generosa e pura alma, para que Deus, na sua infinita bondade, o receba de braços abertos, como reconhecimento por tudo o que de bom ele fez nesses longos anos de vida e dê à minha comadre Carmen, filhos, netos e bisnetos o conforto espiritual. Todos nós temos orgulho dele. (Walter De Prá).

Tio Genis teve uma vida de amigos, honestidade, simplicidade e de muitos filhos, netos, bisnetos e uma mulher, tia Carmen, maravilhosa, que lutou ao lado do tio e conquistaram juntos o amor de todos. Nós, da família Carpanedo, somos gratos a Deus pelo privilégio de ter convivido com todos vocês. Se fôssemos contar aqui todas as coisas vivenciadas juntos, teríamos muito a escrever. Viver é isso! Ser feliz e conquistar a todos com seu jeito simples e adorável. Tio, nós lhe amamos e que o Senhor nosso Deus guie a todos e se orgulhem de ter tido o melhor pai. (Nicéia Carpanedo).

Queria, de alguma forma, demonstrar meu pesar em ter recebido a notícia. É triste, e ao mesmo tempo confortante, saber que uma pessoa por quem tenho e terei profunda admiração nos deixou após tanto lutar. Saiba que aprendi muito com ele, e que ele, sem querer, ensinava muitos valores, os quais quero sempre poder passar adiante. Me emocionei e me sensibilizei bastante com toda a história do nosso guerreiro. Quero que vocês aí sintam-se todos abraçados com os meus mais singelos e sinceros sentimentos. Vocês e ele estarão em minhas orações! Fiquem em paz! (Alexandre Callegari).

Fiz minhas orações para todos vocês, principalmente para Carmen.

Que Deus mande todos os Espíritos de Luz amparar e acompanhar seu pai nessa nova caminhada. Afinal, ele merece tudo de melhor por ter sido, aqui na Terra, uma pessoa maravilhosa. Deixa muita saudade,

certamente, mas também muita lembrança boa e divertida. (Karly Oliveira).

Infelizmente não vou conseguir me despedir do Seu Genis, mas vou guardar comigo a imagem do aperto de mão que recebi no hospital, quando ele, mesmo fraquinho, demonstrou a mesma acolhida e o carinho que sempre me recebeu. Seu Genis vive em todos os membros dessa família linda. Ele está presente em cada um: esposa, irmãos, filhos, netos, bisnetos, genros, noras. E posso dizer que seu Genis também deixou em mim a sua presença, porque está guardado com muito carinho no meu coração. Ele deixou seu legado, que vai se perpetuar. O amor, o carinho e o cuidado que vejo muito claro em todos é a herança principal que o querido vovô Genis vai deixar. Ele agora está nos braços do Pai, sob o repouso amável de Nossa Senhora. Está olhando para todos, com alegria e bondade, repousando na certeza de ter cumprido com maestria sua missão na terra. (Cristyane Bastos Carvalho).

Amiga, nesse momento de dor e angústia pelo qual sua família está passando, gostaria de deixar aqui meu carinho e minha admiração por este exemplo de patriarca que me conquistou com seu sorriso nas caminhadas da pracinha em frente ao prédio. Vou guardar sempre a serenidade que percebi em seus olhos, e peço a Deus que cuide de toda sua família nesse momento tão difícil de suas vidas. Somos cientes que estamos aqui apenas de passagem, e ele soube cumprir muito bem seu papel nessa caminhada, formando uma família unida e cheia de

amor. Guarde os exemplos dele e siga sua caminhada, que Deus irá dar tudo o que lhe for necessário para acalantar seu coração. (Kely Destro).

Querida Jô, meus sinceros sentimentos pela sua perda. A partida do tio Genis me fez refletir sobre muitas coisas. Me lembro de quanto vocês foram importantes na minha infância. Meus sentimentos a tia Carmen e que Deus console vossos corações. Mamãe me disse hoje pelo telefone quantas vezes tivemos fome e seu pai nos sustentou. Isso aconteceu quando chegamos na fazenda de vocês. Era meu pai, minha mãe e um monte de filhos pobres e famintos. Eu era pequena, mas me lembro que papai disse ao seu pai no primeiro dia de trabalho: vou trabalhar, mas minha família não tem o que comer e nem tenho comida para levar pro trabalho. Seu pai mandou tanta coisa para nós – arroz, feijão, leite, carne e tudo mais – e isso durou por dias, sempre ajudando. Se não fosse seu pai, não sei o que seria de nós, porque papai sempre foi trabalhador, mas como sustentar os filhos se não achar um patrão honesto, bondoso e decente? Assim foi seu pai. Que Deus o tenha em seu descanso eterno. (Celia Milanez).

Querida Josêmia, estou muito triste pela perda do pai querido e meu inesquecível e grande e mais que amigo. Saiba filha, que os planos de Deus não coincidem com os nossos. O que nos resta é aceitar, pois, na vida, a única certeza que temos é da morte. Estou triste, mas sempre unida em orações por todos vocês, especialmente pela sua mãe. Receba meus sentimentos sinceros e

transmita-os a todos os seus irmãos e demais familiares. (Margarida Marchi).

Tia Carmen, primos e primas do meu coração! Quero deixar aqui a minha solidadriedade e minha tristeza diante do acontecimento. Titio foi para mim um herói. Como o amava! Homem íntegro, humilde e, acima de tudo, alegre e feliz. A sua alegria era contagiante. Fica agora a herança da alegria deixada por ele. Tenho certeza de que o Senhor Deus recebeu-o de braços abertos. (Nina Campos).

Sei que Deus levou uma pessoa muito especial, que cumpriu sua missão da melhor forma possível. Peço a Deus que conforte o coração de vocês. (Patricia/Quimioterapia).

Descansou! Agora ele é pura luz! (Dra. Amanda).

Conversar com o vovô era ter a certeza de que nós nunca seríamos tão bons em matemática como ele. Era estar pronto para debater sobre agropecuária, futebol, loteria, atualidades e política. Afinal, o vovô sempre sabia de tudo! É saber que nunca, ao lado dele, existiria tempo ruim. Porque ele sempre conseguia tirar um sorriso do nosso rosto, com qualquer piada que fosse. O vovô ensinou pra gente que a felicidade deve ser constante na nossa vida. Ele nunca estava chateado ou estressado. Era sempre a pessoa mais feliz. O vovô nos ensinou a sempre ser educado e dar bom dia, boa tarde ou boa noite, seja com a moça

da padaria ou com qualquer pessoa que fosse. Aliás, o vovô enchia a boca para nos ensinar em italiano: 'Buon Giorno, Buona sera, Buona notte'. Sempre teve orgulho das raízes e amava contar as incontáveis histórias de Santa Rosa. O vovô nos ensinou a nunca desistir dos nossos sonhos, a sempre persistir em algum ideal. E nos mostrou isso desde as pequenas coisas, como, por exemplo, jogando toda semana os mesmos números na mega sena há mais de 20 anos. Não existia ninguém como o vovô. Realmente foi um exemplo de ser humano, de homem íntegro, correto, humilde, de caráter, que repassou para todos os filhos os melhores princípios. Que, com a vovó, ultrapassou todas as dificuldades e criou uma família tão unida e amiga. E ele se orgulhava tanto disso! Nós todos fazemos parte do que ele tinha de melhor. Mas, na verdade, ele e a vovó que representam tudo o que nós temos de mais precioso. Ele foi, é e sempre será luz na nossa vida. Do senhor, nós guardaremos as melhores lembranças. Fomos muito abençoados de poder ter um pai, avô, sogro, amigo, tão presente em nossas vidas. O senhor, vovô, foi uma lição de sabedoria para todos nós e sempre haverá um grande orgulho pela oportunidade que Deus nos deu de ser a sua família. Ele, que até nos seus últimos dias, continuou a nos ensinar tanto, pois, no meio de tantas dificuldades, o senhor estava lá, mais uma vez, sendo exemplo pra gente, ensinando a não reclamar, a não nos queixar e a lutar até o último minuto. Meu avô, exemplo de homem forte, guerreiro, otimista, leal, sincero, persistente, amigo, PAI, AVÔ e HOMEM. Tenho orgulho

de ter seu sangue em minhas veias e agradeço muito a Deus por ser sua neta! O senhor é o nosso herói. Até mais vovô, guarda nosso lugar aí, daqui a pouco todos nós chegaremos com nossa fartura: de comida, bebida, bagunça, risadas e muito amor. Afinal, isso é o que a gente sempre fez de melhor. 'Bença Vô'!
(Sua neta, Bárbara Salvador Deprá).

Genis Deprá

Um homem por inteiro.

Um homem Completo.

Um homem no sentido completo da palavra.

Herdeiro de Victório Deprá, não apenas na participação dos bens, mas na herança dos valores norteadores da vida.

Aportada no Brasil em 1886, a família Deprá trouxe consigo a cultura cristã, preponderante no norte da Itália por toda a Idade Média:

Fé Cristã.

Alta religiosidade.

Cumprimento da palavra.

Trabalho.

Fidelidade.

Respeito pelos mais velhos.

Veneração por um copo de vinho.

Estava me esquecendo: a música.

Uma cultura miscigenada, no Brasil, com a convivência com o negro, o pardo, o português...

Mas, com certeza, sem perder suas fortes características. No Genis o que impressiona é a harmonia entre esses valores.

Uma vida curricular primária não embotava, nele, o desenvolvimento da inteligência que, sem se expor pela cultura, brilhava pela sabedoria.

Um Homem Sábio.

Sábio da Sabedoria Verdadeira. Aquela que o colégio não ensina. Sabedoria esculpida pela escola da vida.

Perpiscas.

Intuitivo.

Rápido.

Conciso.

Um invejável poder de síntese.

Se amoldava, na conversa, com cada interlocutor.

Sempre sorridente.

Um olhar esperto, dialogava com os doutores com a mesma singeleza que papeava com os humildes.

Um papo cheio de ternura, de alegria de viver, alto astral.

Expunha com desenvoltura seus pensamentos sem jamais destruir os conceitos do outro.

Seu sorriso fácil continha e esboçava toda uma história de vida.

Construiu um patrimônio material sólido, mas modesto, o inverso de um patrimônio familiar de primeira grandeza.

11 filhos.

E que filhos!

Competentes, moldados na mesma crença, forjados na luta com dignidade e honradez.

Viveu ao lado de uma doçura que se chama Carmen.

Genis Deprá.

Não apenas um Homem.

*Um exemplo de vida.
E que Exemplo!
Saudades...
(Seu primo, Everaldo Deprá).*

O Jornal “A Notícia”, de Nova Venécia, também de forma muito carinhosa, publicou a triste notícia imediatamente. Com isso, as pessoas, ao saberem do fato, logo manifestaram seus sentimentos de pesar. Meu amado Pai era muito conhecido e querido por toda aquela região.

Recebemos também, de forma muito carinhosa da Câmara de Vereadores de Nova Venécia, uma homenagem por meio de Moção de Pesar pelo falecimento de nosso amado Pai. Ficamos todos agradecidos pelo reconhecimento e carinho.

Em sua jornada pessoal, Genis, aos 85 anos, viveu e mostrou um caminho de coragem, experiência e sabedoria, sempre centrado em valores, como humildade, humanidade, honestidade, ética e amor a Deus, à família e ao próximo. Com isso, possuía o grande tesouro de poder desfrutar de muita paz interior.

Meu adorado Pai, o meu presente para você sempre foi o meu amor incondicional, a você que sempre me amparou, sempre foi o meu porto seguro. Você era possuidor de uma retidão de caráter exemplar, tinha uma humildade intelectual e uma generosidade mental que me fazia cada dia mais encantada pelo seu jeito. Meu maior tesouro, te amarei eternamente!

Ex-vereador de Nova Venécia morre no Pará



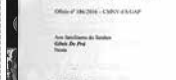
Gilson Da Piedade
foi o ex-vereador de Nova Venécia que morreu no Pará.

Um empresário e político local, Gilson Da Piedade, morreu no Pará, vítima de um acidente de trânsito. O acidente ocorreu no dia 15 de agosto, quando ele estava dirigindo um veículo em uma estrada. Ele tinha 55 anos e era casado. A causa da morte ainda não foi determinada.



Supernumerário é assaltado no bairro Róbia

Um supernumerário da Polícia Militar foi assaltado no bairro Róbia, no município de Nova Venécia. O assalto ocorreu no dia 15 de agosto, quando o policial estava patrulhando a área. Ele foi atingido por tiros e levado para um hospital, onde morreu.



02

IMPERIUM

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

Foragido é preso pela PM em Nova Venécia

Um foragido da Polícia Militar foi preso no município de Nova Venécia. O indivíduo estava sendo procurado por uma série de crimes, incluindo roubo e posse de arma. Ele foi capturado após uma operação conjunta das forças policiais locais e estaduais.

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

Leidiane

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

Promoção Leitor Vip

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

Câmara Municipal de Nova Venécia

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 7765

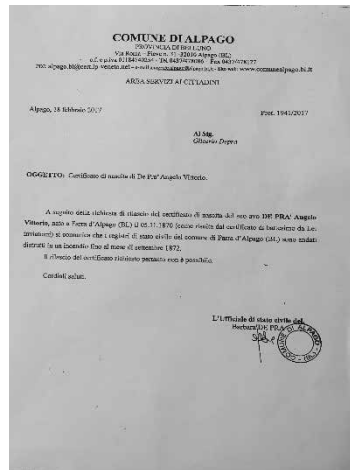
07 9118 1562 / 7765

07 9118 1562 / 77

A VIDA

Origem da Família Deprá

A família Deprá tem sua origem na Itália, localidade de Spert, Comuna de Farra D'Alpago, Província de Belluno. Por lá ainda há muitos “Deprá’s”. Alguns são agricultores, outros industriais (laticínio e vinho) e outros comerciantes.



Registro da entrada de imigrantes Deprá no Brasil. Certificado de Nascimento de Angelo Vittorio Deprá

Genis, assim começa a sua história...



Caitano Fiorio e Angelina Basoni (avós maternos de Genis)
Ângelo Vittorio Deprá e Elizabetta Cechetto (avós paternos de Genis)



Victório Deprá e Ozilia Fiorio

Pais de Genis

Da união e do amor do casal Victório Deprá e Ozilia Fiorio, no dia 20 de julho de 1929, no município de Rio Novo do Sul, estado do Espírito Santo, começou a história de Genis, seus irmãos e irmãs...

Victório Deprá nasceu em 3 de novembro de 1904, no município de Rio Novo do Sul, no estado do Espírito Santo, filho de Ângelo Vittorio Deprá e Elizabetta Cechetto. Faleceu no hospital em Colatina (ES) no dia 8 de março de 1993.

Foi casado com Ozilia Fiorio Deprá, nascida em 6 de agosto de 1907, no município de Rio Novo do Sul, Espírito Santo, filha de Caitano Fiório e Angelina Basoni. Ozilia Fiorio Deprá faleceu no dia 30 de novembro de 1993, em Nova Venécia (ES).

Filhos de Victório e Ozília: Genis Deprá, Lourdes Deprá Callegari, Lucy Deprá Lourencine, Marlene Deprá Uliana, Raphael Deprá, Glycério Deprá, Joelza Deprá Oliveira, Jonas Deprá (falecido com 2 anos de idade), Aristeu Deprá e Leônidas Deprá.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

MUNICÍPIO DE RIO NOVO DO SUL

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que, em 20 de julho de 1929, às 14 horas, no Registro Civil do Município de Rio Novo do Sul, Estado do Espírito Santo, celebrou-se o casamento civil de:

VICTÓRIO DEPRÁ, filho de **ÂNGELO VITTÓRIO DEPRÁ** e **ELIZABETTA CECETTO**, nascido em 03 de novembro de 1904, no Município de Rio Novo do Sul, Estado do Espírito Santo, com:

OZÍLIA FIORIO, filha de **CAITANO FIORIO** e **ANGELINA BASONI**, nascida em 06 de agosto de 1907, no Município de Rio Novo do Sul, Estado do Espírito Santo.

O casamento foi celebrado em conformidade com o art. 1524 do Código de Processo Civil, e a presente certidão é expedida em conformidade com o art. 1525 do mesmo Código.

Assinatura do Oficial do Registro Civil: _____

Assinatura do Casado: _____

Assinatura da Casada: _____

*Registro oficial da união de
Victório e Ozília*

Infância de Genis

Em 26 de junho de 1931 nasceu Genis, o primogênito, em Guiomar, município de Vargem Alta (ES). Até os 12 anos, viveu em São Benedito, Guiomar.



Família de Victório Deprá

Esse homem, conforme contou seus pais, provou que era um guerreiro desde os 11 meses de nascido, porque foi “picado por uma cobra” em seu berço, ainda bebê, e venceu o primeiro drama da sua vida.

Além de estudar, Genis gostava de brincar de bola de gude e, segundo seu irmão, era muito bom nisso. Outra brincadeira de criança era esconde-esconde, na qual um cobria os olhos e os outros se escondiam para serem achados.

Na sua infância e adolescência, toda Páscoa, eles gostavam muito de tingir os ovos de galinha ou de galinhola (ovo da casca mais grossa) com urucun, papel crepon, tintol, entre outras coisas, enfeitando-os de várias cores. Depois passavam a brincar com esses ovos, colocando um de cada vez no canto de uma parede e se posicionando a uma distância de aproximadamente 4 metros, para cravá-lo com uma moeda. Assim, a diversão do dia era a disputa para ver quem cravava em mais ovos.

A família de Victório Deprá (pai de Genis) tinha uma fazenda e morava na região de São Benedito e Prosperidade, hoje município de Vargem Alta – Região Sul do Espírito Santo, antigamente município de Cachoeiro de Itapemirim. Eram 5 irmãos, mas, um deles, Marcelino (irmão do Vovô), resolveu ir para o Norte do Espírito Santo, onde acabou comprando umas terras. Mais tarde, quando na divisão familiar de bens, ofereceram essas terras a Victório. Ele aceitou e teve início o grande desafio. Partiu com a esposa Ozilia (mãe de Genis) e os cinco filhos do casal no ano de 1944. Partiram para desbravar o Norte do Espírito Santo, e essa viagem foi repleta de aventuras.

Vida nova: a mudança

Saíram de São Benedito e chegaram à estação de Varagem Alta, onde tomariam o trem “Maria Fumaça”, tocado a lenha, para Vitória. Seria uma viagem de aproximadamente 10 horas. Genis estava com 12 anos e a mais nova dos irmãos tinha 6 meses de nascida. Pela dificuldade dos meios de transporte, pela demora e por estar com toda a família, puderam contar com a ajuda do parente (o sobrinho mais velho de Victório) e grande amigo, o querido Valdemar Deprá. A comida para todos era uma farofa que levaram pronta. Chegando a Vitória, pernотaram numa pensão chamada “Pensão Vitória”, no bairro São Torquato. No dia seguinte, pegaram outro trem e foram para Colatina, uma viagem de mais um dia. De lá, partiram de caminhão, em cima da carroceria (o famoso pau de arara), para o povoado de Córrego do Sabiá. Nesse dia, dormiram na casa de amigos, a família Malacarne, e tiveram que permanecer nesse povoado dois dias, enquanto aguardavam a chegada dos animais.

Precavido e esperto como sempre foi, Victório já havia comprado cinco cavalos para terminar a viagem. Foram distribuídas duas pessoas em cada animal: Victório com a filha Marlene; Ozilia com a filha de seis meses Joelza; Genis com o irmão Glycério; Lucy e a irmã Lurdes; Raphael e o primo Valdemar. Saíram do Córrego do Sabiá, para o povoado de Sete Quadros (hoje município de São Gabriel da Palha). Um dia inteiro de viagem e, no final da tarde, pernотaram na casa da família Daroz. No dia seguinte, seguiram viagem, passando pelo Córrego da Barra Seca, onde se encontraram com uma família

que estavam fazendo o trajeto contrário ao deles e se encontravam em desespero por ter perdido uma filha de febre amarela naquelas bandas.

Esse episódio deixou Ozilia muito preocupada. Chorou muito e queria desistir de prosseguir, mas a viagem continuou. A próxima parada foi em Serra de Cima (na época município de São Mateus, hoje Nova Venécia) onde ficaram hospedados na casa de Giocondo Cipriano. No dia seguinte, ao acordarem, todos, sem exceção, estavam com “dordolho” – assim era chamada a conjuntivite naquela época. Com isso, precisaram ficar por cinco dias até melhorarem. Não havia recursos de remédios e nem médicos. Superado esse inconveniente, a viagem continuou. Já estavam perto. Mais algumas horas de viagem em cima dos animais e, finalmente, chegaram a Santa Rosa da Cachoeirinha.

Outro desafio: a casa onde iriam morar. Era simples, de chão de barro batido, com três pequenos quartos, mas todos foram acomodados e finalmente, segundo Raphael Deprá, depois de aproximadamente dez dias de viagem, tinham um teto e poderiam, enfim, começar vida nova. Mais tarde foi construída outra casa para abrigar toda a família.

A família de Victório e Ozilia continuou a crescer. Além dos cinco que já tinham, nasceram outros três em Santa Rosa da Cachoeirinha, município de Nova Venécia (ES). O segundo nascido nessa região morreu aos dois anos de idade.

A casa em Santa Rosa da Cachoeirinha era alta e embaixo dela foi improvisada uma escola. Sobre o piso de terra (chão batido) colocaram algumas cadeiras, onde foi

professor, por muitos anos, o Sr. Ângelo Bravim. Genis já havia estudado em Guiomar e, portanto, já sabia ler e escrever, mas continuou os estudos por um pouco de tempo mais.

Depois da cansativa viagem, com muita coragem, disposição e espírito de luta, o jeito era enfrentar muitas horas de trabalho. Apesar da pouca idade, Genis contribuiu muito, assumindo sempre grandes responsabilidades. Começou o preparo da terra para o plantio de feijão, arroz, milho, mandioca, inhame, abóbora, entre outras coisas, que serviriam também para, além de garantir o sustento de toda a família, serem vendidos, proporcionando uma renda para outras despesas. Também foi feita uma grande horta (plantando diversas verduras e hortaliças) e criações de gado, galinha e porco. Com isso, também conseguiram produzir leite, queijos, requeijão, puína, manteiga etc.

Victório foi responsável pela construção manual de um moinho movido a água. Eu o considero um grande engenheiro que a vida formou sem precisar de diplomas. Nas terras dele havia uma grande e bela cachoeira, com uma queda d'água de aproximadamente 30 metros, o que motivou o nome do lugar "Santa Rosa da Cachoeirinha". Havia também um lajedo exuberante, no qual se colhia muito agrião, que era nativo. O moinho foi construído para fazer fubá, ingrediente principal da comida mais desejada e saboreada por todos: a polenta. O povo de toda a redondeza também se beneficiaria desse "grande" empreendimento, pois todos usavam sem ter que pagar nada, já que era sempre gentilmente cedido.



Lavagem da mandioca – local da prensa da mandioca

Engenho de cana-de-açúcar tocado por um boi

Também era feita a farinha de mandioca, num processo artesanal, de modo rústico e demorado: a mandioca era colhida, raspada, lavada, cevada e prensada com uma prancha de madeira e muito peso em cima, para que a massa soltasse a água e ficasse bem enxuta. No dia seguinte, a massa era peneirada e depois colocada num tacho, no fogo a lenha, para torrar. Numa dessas produções, Genis e Lucy, ainda muito jovens, trabalhavam juntos tocando o “rodete”, quando Lucy se descuriu por um minuto e seu dedo foi cortado, ficando preso apenas por uma pequena pele. Genis correu para avisar os pais, que foram socorrê-la. Ao verem a situação, decidiram levá-la a Nova Venécia a cavalo. Deste fato Genis nunca se esqueceu, e sempre contava a dor que sua irmã sentira no momento.

Outra coisa produzida por lá era a cana-de-açúcar, que plantavam e colhiam. Havia um engenho de cana,

que era tocado por um boi. Produziam o melado, que era usado para fazer o café, no lugar do açúcar. Faziam também muitas guloseimas, como doces, rapaduras de mamão, de coco, de amendoim etc.

O velho Victório fazia de tudo. Transformou a parte que ficava em baixo da casa numa oficina, onde construía freios de cavalo, cabrestos, celas, cangalhas, cangas para os bois, cabos de machado, martelo, foices, facão, vassouras, enxadas etc. Enfim, tudo ele fazia. Era uma criatividade que impressionava a todos. Trabalhava incansavelmente com muita alegria e bom humor. Que ser humano especial e querido por todos, ele foi!

Construção da casa

Depois de cinco anos de muito trabalho e muita labuta, finalmente foi construída uma grande e bela casa para os padrões da época.

Foi nesta casa de Santa Rosa da Cachoeirinha, construída por Victório em cima de pedras e sem uso de cimento, que a família viveu por muitos anos. E Genis, por ser o filho mais velho, ajudou ativamente na construção. Além de ajudar a carregar as pedras nas costas, também serrou toda a madeira usada na construção com seus próprios braços, usando uma serra manual vertical, com o amigo Euclides Gomes. Este foi um grande amigo e parceiro não só de trabalho, mas de diversão também. Era sanfoneiro e sempre fazia bailes em sua residência, onde todos os jovens daquela época e de toda vizinhança



Imagens antigas da casa



Imagens recentes da casa

se divertiam. E isso era um grande acontecimento! Esses bailes também aconteciam nas casas de algumas pessoas que convidavam todos a participarem, mas com frequência maior ocorriam na casa do Sr. Euclides, que era bem alta em relação ao chão e, embaixo dela, nos pilares da casa, as pessoas que iam a cavalo amarravam seus animais. Segundo conta Glycério, irmão de Genis, ele era muito pequeno, mas já gostava muito de frequentar tais bailes, então pedia ao irmão mais velho para levá-lo, e acabava na garupa do cavalo de Genis, levando consigo a bebida que era garantida pela noite toda. Cada homem levava sua bebida que, na época, era a cachaça. Chegando lá, cada um escondia em algum lugar, para ficar seguro de que teria garantida para a noite toda. E os homens mais cavalheiros levavam um vinho para algumas poucas mulheres que só tomavam essa bebida. Até porque a maioria não poderia beber nada alcoólico, em respeito à educação dos pais, que as proibiam de tal comportamento.

Os homens iam todos de terno de linho bem passado e engomado, bem perfumados, cabelos bem cortados. Elas iam sempre bem arrumadas, com seus cabelos penteados e cheirosas, vestidas nos seus vestidos semilongos, pois não podiam mostrar os joelhos, e sentavam-se num grande banco e nas cadeiras na sala, onde ficava o sanfoneiro, para que os homens as convidassem para dançar. Elas ficavam no aguardo, ansiosas para serem chamadas. Como podemos ver, naquela época também já havia mais mulheres disponíveis do que homens. Às vezes, até dançavam umas com as outras, para não ficar a noite toda sem dançar, já que a dança era uma das poucas

diversões para elas. Os homens até disputavam quem dançava melhor e com mais mulheres, e assim, haja fôlego! E Genis era sempre o primeiro a abrir o baile. Era um grande dançarino de forró, e todas as moças queriam dançar com ele. Segundo seu irmão Raphael, Genis nunca tomou um “caroço” de nenhuma das moças. Se uma mulher, por acaso, se recusasse a dançar com algum, isso era chamado de “caroço”, motivo de chateação para o homem, que às vezes até podia gerar brigas. Se uma mulher se recusasse a dançar com um homem e depois fosse chamada por outro e aceitasse, isso deixava muito enraivado o que tinha recebido o “não”, e este chegava até a pedir ao sanfoneiro que parasse de tocar.

O baile começava geralmente às 19 horas e lá pelas 22 horas o dono da casa dava um café com pão e manteiga para todos os convidados. Um reforço alimentar para aguentarem até meia-noite, que era mais ou menos a hora que finalizava a festa.

Outro grande divertimento dos jovens, mais especificamente das mulheres, era fazer piqueniques. Rapazes e moças se juntavam e cada um levava os alimentos para prepararem a comida, sempre na casa de um deles. Brincavam de roda e cantavam várias cantigas. Havia uma que era mais cantada:

Dona Mariquinha toda engraçadinha, entrará na roda e ficará sozinha.

– Sozinha eu não fico, nem hei de ficar, porque tem “fulano” para ser meu par.

A pessoa escolhida era puxada e ia dançar dentro da roda. Os que estavam na roda começavam a cantar outra música:

Deita aqui no meu colinho, deita aqui no colo meu, e depois não vai dizer que você se arrependeu...

Com isso se divertiam muito. Era um grande prazer e motivo de alegria para todos.

A partir dos 18 anos mais ou menos, outra diversão que Genis gostava muito, e que tinha como parceiros Zidro Callegari, Maurílio Bravim, Florêncio Gaigher, Tino Callegari, Olindo (Nenem) Callegari, entre outros, era o



Campo de bola de pau em Santa Rosa da Cachoeirinha

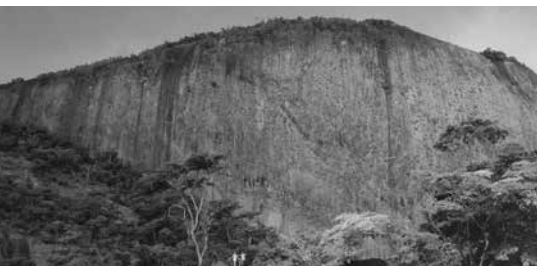
“jogo de bola de pau”, hoje conhecido como bola de massa. O campo tinha aproximadamente 22 metros de chão plano de terra batida. Do torneio participavam as duplas e o prêmio era em dinheiro. Cada participante da dupla jogava duas bolas, e o objetivo era encostar ou ficar o mais próximo possível do “bolim” (que é a bola menor).

Naquela época (entre 1945 e 1955), segundo relato do Sr. Zeferino Sechim, no dia de Santo Antonio, o Sr. Antonio Bravim, pai de Florentino Bravim, por ser devoto desse Santo, recebia em sua casa, que possuía uma vasta área de lazer, de forma muito carinhosa e calorosa, muitas pessoas de toda aquela redondeza, para a tradicional “fogueira”. Esta festa, por ser uma tradição local, era desejada e aguardada por todos com muita ansiedade e alegria. Havia muita fartura de comida e bebida. Além da conotação religiosa, era muito festejada com música, dança, muita paquera e, claro, os pedidos a Santo Antonio para arranjar um bom casamento. O espetáculo maior acontecia à meia noite, quando as toras da fogueira já estavam todas queimadas. Transformadas em brasas, eram espalhadas e assentadas ao chão, no mesmo local onde foram queimadas, e as pessoas faziam a passagem de um lado para o outro, atravessando por cima delas, descalças, sem se queimar. Coisa mais linda de se ver! Faziam isso cheios de fé. Antes faziam orações juntos e depois cada um fazia a travessia. Não se sabe exatamente o que levava cada um em seus pensamentos. Podia ser agradecimentos, pedidos ou somente diversão... à meia noite também, para enriquecer ainda mais o momento, soltavam-se muitos balões feitos pelo Sr. Armando Zanol. Esta tradição se estendeu por muitos

anos, ainda pelos filhos de Florentino, até meados dos anos de 1980.

Um marco que também nunca esquecemos e ficou na memória de muitas pessoas, foi a peregrinação que ocorria anualmente no dia 3 de maio, dia da Santa Cruz. Nesse dia, Genis e uma multidão de pessoas, adultos, idosos e crianças, subiam até o topo da pedra para rezar um terço, pedindo para não faltarem as chuvas e bênçãos para as lavouras. Isso se repetiu por muitos anos. Todos levavam um litro de água na mão e a derramavam aos pés da Cruz. Não se tinha noção do perigo e dos riscos que corriam. O que importava mesmo era a fé. Era uma grande devoção. E realmente, naquela época, era muita fartura que todos da roça tinham. Todo o sustento das famílias vinha da terra. Tudo era cultivado e tudo que se plantava colhia. Uma grande abundância de colheitas. Aos sábados, durante todo o mês de maio, ocorriam os leilões. As pessoas ofertavam várias coisas: bolos, pudins, biscoitos, pães, carnes, frango assado, pernil de porco, frutos colhidos na terra, como mexerica, laranjas, aipim, inhame, enfim, uma infinidade de comidas. Tudo era leiloado e o dinheiro revertia-se para a comunidade.

Além de excelente filho e muito trabalhador, como todos os jovens, Genis também fazia algumas travessuras. Uma, que fiquei sabendo há pouco tempo, numa visita de um irmão dele (tio Glycério). Os dois conversavam sobre as recordações de fatos da infância e juventude e me contaram que, juntos, beberam sangue de boi. Imaginem a loucura que foi isso! Quando matavam o boi para tirar a carne do sustento da família, eles tiveram essa ideia. Queriam saber como era o gosto! E claro que eu quis



Pedra da peregrinação



saber. Riram e me responderam que o sangue estava bem morninho e com um gosto um pouco salgado. Ah, também gostavam de beber o leite tirado da teta da vaca direto, bem natural, cru, sem ferver. O tio Glycério contava que Genis, por ser o mais velho, levava os outros para a roça e ensinava todo o trabalho. Com isso, acabava sempre cobrando muito dos mais novos, gerenciando todos e exigindo resultado e produção de cada um no final do dia.

Não posso deixar de falar aqui da criatura muito especial que foi a Virginia Francischetti. Ela foi morar na casa de Victório quando tinha mais ou menos 40 anos. Chegou lá sem documentos. Nem a certidão de nascimento tinha. Mais tarde, Victório providenciou uma certidão para ela. Filha de italianos, ela veio da Itália bem

novinha, direto para o Sul do Espírito Santo. Depois foi levada pela família Bravim para o Norte, especificamente para Santa Rosa da Cachoeirinha. Mais tarde, esta família mudou-se para Nova Venécia e ela se recusou a ir. Então pediram ao vovô Victório para ficar com ela, e ele prontamente aceitou.

Virgínia era uma pessoa extremamente simples, humilde, de coração puro e de uma ingenuidade sem tamanho. Foi aos poucos se adaptando à nova família e se revelou uma grande trabalhadora braçal de roça. Era bem mais velha que Genis e, por isso, ia para a roça, juntamente com todos os outros filhos, pegar no pesado, plantar e colher café, plantar cana e cortar na colheita, plantar feijão, entre tantas outras tarefas. Com isso, foi se tornando uma parceira de trabalho de Genis. Naquela época, os filhos trabalhavam arduamente para ajudar seus pais. Como não tinham funcionários, filhos, homens e mulheres, todos colaboravam. Quando um filho se casava, era menos um para trabalhar. Segundo tia Marlene, o vovô Victório determinava que todas as filhas fossem para a roça. Quem se recusasse, como castigo, teria que tomar purgante de óleo de rícino. Como não suportavam nem o cheiro, não havia outra opção. Todas iam.

Virginia se manteve fiel e grata a todos. Quando Victório e Ozilia viajavam, eles diziam quantos dias ficariam fora, mas, como ela não tinha noção de tempo, pois não fora alfabetizada, colocava a quantidade de grãos de feijão dentro de uma caixinha, de acordo com os dias que eles ficariam fora. A cada dia que passava, ela retirava um grão de dentro da caixa e, com isso, ficava sabendo

quando eles chegariam. A alegria dela era quando só restava um na caixinha. Todos a reconheciam como membro da família. Ela nunca se casou e nunca namorou. Morreu com aproximadamente 95 anos, logo após o falecimento de Victório e Ozilia. Sua grande paixão foi um casal de papagaios, que recebera de presente, e com eles expressava seu instinto maternal e sua mais alta sensibilidade. Ensinou-lhes a falar, cantar e arremedar as pessoas. Foi uma companhia de muitos anos e de muito amor. Quando morreram, ela pediu para fazer o enterro deles. Colocou-os numa caixa e pediu para as pessoas irem junto rezar e fazer o velório. Ela foi uma grande amiga, irmã e companheira de trabalho de Genis.



Victório, Virginia e Ozilia

Ah, outro detalhe. Ela adorava fumar cachimbo, e Genis, para perturbá-la, escondia-o e ela ficava muito chateada, sempre reclamando e xingando em italiano.

Fundação da comunidade de Santa Rosa da Cachoeirinha

O nome do lugar teve origem na existência de uma grande cachoeira nas terras de Victório Deprá.

As primeiras famílias moradoras conhecidas da comunidade foram Gomes da Silva e Duarte. O Sr. José Gomes da Silva veio do estado da Bahia. Chegou no ano de 1926 com toda a sua família. Nessa época, a localidade era ocupada por posseiros que vinham com doações de terras do governo para cultivá-las. Sr. José acolhia as famílias que ali chegavam, dando-lhes abrigo e comida, até que conseguissem se equilibrar. Anos se passaram e, dentre as famílias existentes, as poucas católicas iam, de vez em quando, rezar em PipNuk ou Nova Venécia, locais mais próximos onde existiam capelas.

Com a chegada das famílias Deprá, Bravim, Milanez, Zordenoni, Magre, Possa, Pedrezine, Belmont, Zanol, Uliana, Sechim, Campos, entre outras, iniciaram-se as rezas do terço nessa comunidade. Como ainda não existia capela, eles se reuniam na casa de Victório Deprá. Todo primeiro domingo do mês, a reza do terço ocorria na casa de Vitorio de Ângelo, na Serra de Cima. Pensaram, então, na construção de uma capela. No ano de 1946,

aproximadamente, iniciou-se a construção da primeira capela da comunidade de Santa Rosa da Cachoeirinha. O trabalho durou quase um ano e meio. Em setembro de 1947, foi inaugurada, com a presença do Padre Zacarias, o primeiro sacerdote a visitar essa comunidade. Ele ia de carro de São Mateus até Nova Venécia e, de lá, seguia a cavalo para Santa Rosa.

A comunidade crescia na fé e no número de famílias. No ano de 1955 foi construída a atual igreja. Eram dirigentes: Waldemar Campos, Tranquilo Uliana, Zeferino Sechim e Victório Deprá. Vigário da ocasião: Padre Angelo Dell'Oro. Construtor: Francisco J. Lachini.

Igreja de Santa Rosa da Cachoeirinha, construída no ano
de mil novecentos e cinquenta e cinco (1955),
pelo empreiteiro senhor Francisco J. Lachini.
Durante a construção foram dirigidos da
capela os senhores Waldemar Campos, Tranquilo
Uliana, Zeferino Sechim e Victório Deprá.
Assim como a Paróquia de Santa Marcos, construída
em Nova Venécia, cujo vigário na ocasião era
o Romeu Angelo Dell'Oro.
Foram gastos na construção, duzentos e sessenta
mil cruzeiros (R\$ 260.000,00).
Santa Rosa da Cachoeirinha, 1.º de Junho de
1955.
Ass. - Pedro Lúlio Falcão, autor desta lembrança.
Construtor: Francisco J. Lachini
Encarregado do dinheiro: Zeferino Sechim.
Diretores: Tranquilo Uliana
Waldemar Campos
Victório Deprá
Zeferino Sechim
Padre Angelo Dell'Oro Falcão

Carta assinada pelo pedreiro Abelio

Encarregado de serviço: Euclides Busato. Pedreiro: Abilio Falhote. Estas informações estão contidas numa carta que permaneceu guardada por 57 anos dentro de um vidro de leite de magnésia encontrado no interior de uma parede, quando foi realizada a última reforma da igreja em 2012.

Em 1961, aconteceram as missões que duraram uma semana, com a presença do Frei Helano. Um momento de muita pregação e expressão de fé. O encerramento dessa missão ocorreu num dia de festa da Padroeira Santa Rosa. Como lembrança do acontecimento, ergueu-se o Cruzeiro, que se encontra na frente da igreja até hoje. A árvore de ipê utilizada para a sua construção foi extraída e doada por Genis Deprá. Waldemar Campos (irmão da mamãe), transportou a árvore inteira do Córrego Santa Bárbara até o pátio da igreja em seu caminhão Chevrolet a gasolina. A árvore foi “lavrada” a machado pelos Fabres (uma antiga família da comunidade local) nos fundos da igreja. Quando ficou pronto, para conduzi-lo até o local definitivo, a frente da igreja, foi carregado por mulheres. Segundo as mulheres que participaram desse momento e residem nessa comunidade, não sentiram peso algum durante o trajeto. Em seguida, foi erguido pelos homens sem o uso de máquinas e equipamentos mecânicos.

Minha mãe Carmen também participou desse momento e confirmou muito emocionada. Comentou que nunca viu tamanha fé das pessoas para conseguirem carregar e levantar essa cruz e não sentiram dificuldade nenhuma.



Cruzeiro erigido em frente à Igreja da padroeira Santa Rosa

Namoro com Carmen

Começa agora a história de outro amor. Em 14 de junho de 1950, Genis e Carmen começaram a namorar. Ela estava com 14 anos, e ele 19. Carmen conta que, quando conheceu Genis, ficou logo interessada. Era um homem alto, bonito, simpático, bem-humorado, mas também sentia muito receio, pois todas as suas amigas logo a alertaram para tomar muito cuidado, pois ele era cobiçado por muitas moças de toda a redondeza. Falaram da fama dele de namorador, e também que já estava namorando uma moça muito bonita e que era muito apaixonada por

ele. Mas tudo isso não foi suficientemente forte para fazê-la desistir. E seu encanto cada dia aumentava, até porque Genis também se interessou por ela, pois era muito bonita, nova e cantava na igreja muito bem. Ele terminou o namoro com a namorada bonitona, a qual ficou tão triste e decepcionada que se mudou para São Paulo. Com isso, o caminho ficou aberto para Carmen, o que a deixou mais segura e confortável na situação.

O namoro foi ficando sério e chegou a hora de conhecer o sogro e a sogra: Giuseppe Campo Dell'Orto e Angelina Travaglia. Depois os pais de Carmen passaram a recebê-lo aos sábados à noite em sua casa. Também faziam muito gosto do namoro, pois era um homem cheio de qualidades, trabalhador e honesto. Mas, como toda bela tem um pai que é uma fera, o Sr. Giuseppe (pai de Carmen), não permitia que ela e as irmãs frequentassem os bailes. Então, Genis dava um tempinho e saía da casa dela rumo ao seu grande motivo de diversão, os famosos bailes.

Os encontros sempre se davam nos cultos da igreja, um bom lugar para se começar um namoro. Na casa “Canônica” (uma casa que segue as regras estabelecidas pela igreja católica), faziam-se os leilões no mês de maio, para arrecadar dinheiro para a igreja, as reuniões, dançavam-se quadrilhas nos meses de junho e julho e também era permitida uma boa cachacinha, desde que fosse do lado de fora.

Que casal lindo! Foi nesse lugar que começou a namorar Carmen.

E as famílias Deprá e Dell'Orto se juntaram para sempre...



Meu pai Genis e com minha mãe Carmen



Casa Canônica e Igreja de Santa Rosa



Guinsepe Campo Dell'Orto, Angelina Travaglia, Victorio e Ozília

Casamento de Genis e Carmen

A prova oficial dessa união.

Genis e Carmen foram para o altar no dia 30 de junho de 1954, na igreja de Santa Rosa da Cachoeirinha, onde o namoro começou. Esse foi o dia do SIM, eu aceito, eu prometo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... E assim foram mais de 62 anos de vida juntos. Os dois, juntos, sempre souberam dar rumo, sentido e direção a todos nós, seus filhos. Cada um de nós foi chegando a seu tempo e, com isso, as responsabilidades dos pais foram aumentando e também as do universo de afetividade e amor que reinava nesse lindo lar que eles sempre souberam administrar muito bem.

Dia de festa! Todos queriam participar desse momento muito especial.



Fotografias do casamento

*Certidão de Casamento de Genis
Deprá e Carmen Campo Dell'Orto*

Vida nova... Casa nova

E aqui foi onde começou a construção de uma nova história juntos.

No início do casamento, além das maiores alegrias e felicidade por estarem juntos, por estarem iniciando um novo ciclo, imagino que tiveram também os maiores desafios da vida. Afinal, vida nova, tudo novo, cada um vem de uma família, com hábitos diferentes e modos diferentes, com planos de construir família e se preparar para enfrentar muito trabalho. Imaginem, morar numa fazenda que, naquela época, não tinha eletricidade, portanto, sem TV, sem geladeira, sem ferro elétrico, sem ar condicionado, sem fogão a gás etc. Não tinha nem água encanada. Ela teria que lavar, passar, limpar, cozinhar e costurar, entre muitas outras atividades. Ele teria que garantir o sustento, indo para a “roça” capinar, roçar, plantar e colher, carregar muitos sacos de café nas costas, além de negociar a venda do café e da madeira.

O plantio de café era a garantia do sustento, mas, com planos de terem uma grande prole, o jeito era expandir e pensar em outras possibilidades. Como Genis era um grande empreendedor e bom executor, trabalhou de sociedade com Waldemar Campos, seu cunhado (irmão da Mamãe), na extração e transporte de madeira. Como não tinham motosserra, derrubavam as árvores com machado. Às vezes, trabalhavam um dia inteiro para derrubar uma única árvore, sempre duas pessoas. Depois usavam o grupião (traçador), grande serra manual utilizada para transformar as árvores em toras (pedaços menores), para serem transportadas, usando juntas de



Onde começou a história de uma vida juntos

bois carreiros (Canário e Gaturamo, Sertão e Sertanejo, Jardim e Marreco, Marujo e Marinheiro, Carangola e Pombinho, Rio Pardo e Gabinete, Curió e Sargento e Ramalhete e Janeiro – assim eram chamados os bois dessas juntas), até o tombadouro, local onde os caminhões tinham acesso. As toras eram vendidas para São Gabriel, Colatina e outras cidades.

Os dois eram muito organizados e corretos em seus acertos um com o outro. Tinham o controle de tudo! Mais um ensinamento que fica para todos nós. Apesar da amizade e dos laços de parentesco, na hora dos negócios, devemos ser profissionais, transparentes e honestos sempre. Em um caderno que achei na casa de tia Maria (esposa do tio Waldemar), encontrei o livro caixa deles.

Em seguida, Genis procurou diversificar ainda mais os negócios. Começou a trabalhar com serraria.



Imagens das terras



Juntas de Bois

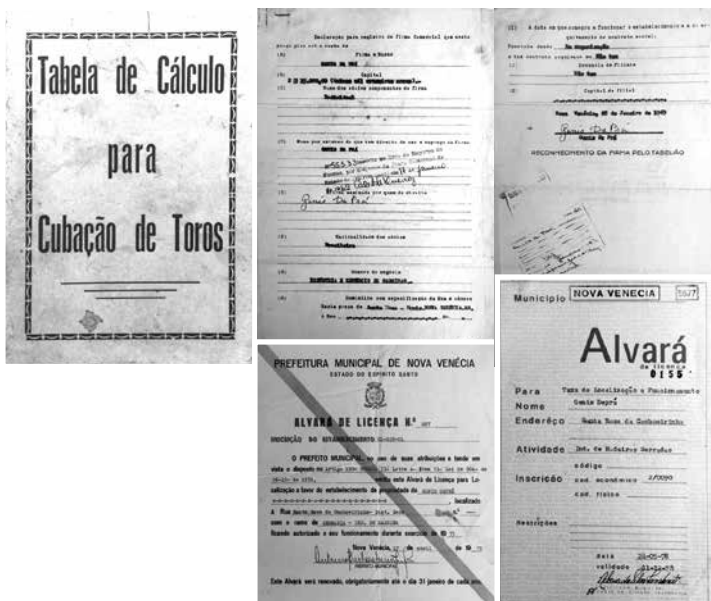
Nessa empreitada, já não era mais sócio. Enfrentou esse outro grande desafio sozinho, contando com a ajuda de bons empregados. Lembramos com muito carinho de cada um. Nunca, nenhum de nós se esqueceu de seus apelidos: Jorge Carvoeiro, Nego Brás, Clarindo, Tamirim, José Araújo e José Possebon.

Data	Debito	Credito
18-5-61 Vinhático 1000	37 500 00	
10 700 cedro a 25,00	26 750 00	
60m jequitibá	66 000 00	
<i>Dinheiro que deu o Genis</i>		
caix	4 100	
11	5 000	
5 11	13 000	
17 11	2 000	
	<u>31 100</u>	

Data	Debito	Credito
<i>Notas do Fato de Genis</i>		
1º Diogo do Rocio	3 500	
2º Colatino	165 000	
3º Bixco Lindico	1000 0	
4º F. de jequitibá	1000 0	
5º Calico e Freco	200 0	
6º Jorge Balisto	130 00	

Folhas do livro Caixa

Genis montou uma serraria (tipo Pica-Pau). Como aquela região era cheia de matas, com muitas madeiras nobres do tipo: jacarandá, cedro, ipê, jequitibá, bicuiba, guaribu amarelo, garapa, vinhático, peroba do campo, sucupira, farinha seca, embirema, paineira, sapucaia, barriguda, copaíba, paraju, boleira, angico, gibatão, araribá, oiticica, macanaíba, roxinho, canela, pau-sangue, escorrega macaco, entre outras –, acreditou em sua força e espírito de luta e enfrentou mais um trabalho pesado. Ele mesmo derrubava as árvores manualmente, usando o machado. Chegava a demorar até dois dias para conseguir derrubar uma árvore. Tinha jequitibá de 400 cm de rodo (circunferência). Depois puxava com as “juntas de



Documentos diversos

bois” até a serraria, que era composta por um engenho de marca Tófoli, fabricado em Santa Tereza (ES), movido por um motor MWM 4 cilindros a diesel, com partida a manivela. Os filhos mais velhos de Genis chegaram a trabalhar nessa serraria. A madeira era vendida para clientes de toda a redondeza. Um de seus primeiros clientes foi o Sr. Enerides Dalmaso, amigo da família toda até hoje. Um amigo e também grande comprador foi o Sr. Nisto Cisconeto. Vendia também para Ipatinga (MG). Como entendia muito sobre isso, homem de grande visão, acabou tendo sucesso.



Vestígios da montagem da serraria na fazenda

Alguns documentos foram guardados por Genis com muito zelo e carinho e estão em perfeito estado.

No local ainda existem vestígios da montagem ocorrida há aproximadamente 50 anos, conforme ilustram as fotos.

O local a ser explorado para a retirada da madeira era previamente pensado e planejado, para que o terreno pudesse ser preparado para o plantio, especialmente do café, além do arroz, do milho, da cana de açúcar, do feijão, da mandioca etc.

Posso dizer que Genis foi um madeireiro que sempre respeitou e lutou pela conservação do meio ambiente. Ainda se encontra em sua fazenda mata atlântica preservada. Até os dias atuais, existem, nessas matas, muitas madeiras nobres, como as que ele explorava naquela época. É importante também se falar que não há outras matas nativas tão conservadas naquela região, como as de sua propriedade. Ele preservou mais do que o exigido pelos órgãos ambientais. Nessas terras, o percentual de reserva legal está acima do exigido pelos órgãos ambientais, que determinam 20% para aquela região. Nas matas, ainda se encontram muitas espécies de animais,

como macaco preto, macaco barbado, paca, tatu, raposa, quati, cotia, papagaios, pássaros de diversas espécies, entre outros, isso por ele ter proibido a caça. Genis, já naquela época, década de 60, conseguiu ter uma visão futurista do conceito de desenvolvimento sustentável, já que somente em 1972, em Estocolmo, na Suécia, na primeira Conferência da Organizações das Nações Unidas (ONU) sobre o Meio Ambiente, este conceito foi apresentado ao mundo e reconhecido internacionalmente. E Genis, por ter que atender as necessidades econômicas, trabalhou sem comprometer o meio ambiente e sem esgotar os recursos naturais para o futuro, garantindo a sustentabilidade com planejamento e conhecimento da necessidade de se usar esses recursos de forma responsável e sustentável.

Também continuava com o engenho para a produção do açúcar, do melado, dos doces, da rapadura, a agricultura e as plantações de todos os cereais, hortaliças, frutas e verduras.

Ensinou a seus filhos que, para se ganhar dinheiro, tinham que trabalhar muito. Penso que eles nem imaginavam que iriam ter a vida que tiveram, e com tantas emoções!

Muitos acontecimentos nessa casa! Muitos partos. Só com parteira, foram dez. Somente o filho mais novo nasceu no hospital São Marcos, em Nova Venécia. O parto foi feito por uma enfermeira prática, pois não havia médicos disponíveis naquele momento. Vida nova e planos de ter filhos. E a prole ia crescendo a cada ano. Daí tiveram um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze...



Troncos de sapucaia, paineira e jequitibá

Fotos tiradas pelos filhos Joselias e Jefferson em visita às matas, em 8 de julho de 2017



Casa onde morou o casal Genis e Carmen em Santa Rosa da Cachoeirinha

Genis era muito prestativo e sempre ajudava a todos. Quando uma de suas irmãs, grávida de nove meses do primeiro filho, chegou o momento, aliás, já havia se passado mais de uma semana do momento de parir, não conseguia e sentia dores, num momento crítico e já bem tarde da noite, Genis foi a cavalo buscar um farmacêutico prático, o Sr. Jovelino, que, na época, socorria a todos que o procuravam. Entre ir e retornar, Genis cavalgou mais ou menos 40 km. Só depois que ele chegou, de madrugada, aconteceu o parto. E foi tudo bem.

E a vida seguia, entre muito trabalho e muitos filhos, família crescendo a cada ano, mas ainda conseguiam arrumar alguns momentos de diversão.

Visitar esta casa ou vê-la, mesmo em fotos, sempre evoca a minha doce e feliz infância, e a minha profunda admiração e encantamento pela história de vida do meu amado Pai e de minha mãe.

Em recente visita a Nova Venécia e Santa Rosa, não me contive com as recordações. Em cada lugar, cada pessoa contava muitas histórias. O senhor Ermelino Araújo, hoje com 89 anos, ainda lúcido, ficou me contando casos



Passeio à praia de Conceição da Barra, com amigos



*Os dois filhos mais velhos
Janete e Joselias*



Filhos de Genis e Carmen



Visita à casa



Antiga "Venda" dos Callegari

dele com papai. Primeiramente falou que, em 1971, quando o conheceu, tinha 40 anos e ele 44. Na ocasião, procurou Sr. Genis para pedir emprego, pois estava com uma numerosa família de 6 filhos pequenos, sem teto, sem dinheiro e todos sentindo muita fome. Nesse momento pôde contar com a generosidade e o acolhimento, além de lhe ter sido cedida uma casa para morar e comida para toda a família. Sr. Ermelino começou a trabalhar como “meeiro” e trabalhou muito para ir vencendo os obstáculos e os desafios de criar os filhos. Contou emocionado e cheio de orgulho sobre a primeira colheita de café, que nunca esqueceu. Foram 345 sacos, coisa que, para ele, na época, era como se fosse um milagre. E foi se tornando amigo do patrão. Todos os dias, depois de um dia inteiro de muito trabalho, lá pelas 18 horas, iam até

a “Venda” dos Callegari, e encontravam-se com vários outros homens. Conversavam, contavam piadas e, claro, tomavam umas cachacinhas.

Sua filha Creuza, emocionada, nos falou da gratidão que sente pelo Sr. Genis, a quem considera como um segundo pai, por tudo o que ele fez por sua família. Disse ainda que todos que ali trabalhavam viveram por muitos anos, e nunca ninguém era mandado embora, e só saíam de lá por querer tentar uma vida na cidade, para dar estudo aos filhos, mas a amizade, o carinho, a admiração e o respeito continuavam mutuamente.

Outro encontro muito parazeroso foi o que tive com o Sr. Darci Milanez (hoje com 82 anos), sua esposa e dois filhos. Eles também falaram de forma muito carinhosa sobre a generosidade e o acolhimento do papai. Sr. Darci contou que moravam em São João do Sobrado – uma comunidade que pertence ao município de Pinheiros (ES), quando, em 1965, não satisfeito com a vida que levava, pensara muitas vezes em ir conversar com Genis em Santa Rosa da Cachoeirinha, para pedir-lhe trabalho. Assim, num certo dia, resolveu que era chegada a hora de ter essa conversa e, para sua felicidade, acertou para começar a trabalhar. Ele se recorda muito bem o quanto a sua vida estava difícil, com muitos filhos e as mínimas condições de criá-los. Genis, com seu grande coração, foi muito generoso, oferecendo-lhe, além de boas condições de trabalho, alimentos e todos os mantimentos, inclusive carnes e leite para alimentar seus filhos e ir tocando a nova vida. O Sr. Darci contou que o sentimento de gratidão por tudo que recebeu naqueles momentos difíceis de sua vida o motivou muito e, em troca, procurou se

dedicar ao máximo no trabalho de conduzir os “bois carreiros” lembrando, inclusive, dos nomes de alguns deles, como: Marujo, Jardim, Dobrado, Gaturamo, Canário e Gabinete. Ele derrubava a árvore, traçava e depois, com as cangas de bois, levava as toras para o tombadouro. De lá, parte dela era transportada de caminhão até a serraria de Genis, e outra parte era vendida em toras para São Gabriel, Colatina, entre outras cidades.

O filho Dulcino reconhece que, graças à oportunidade dessa parceria, de toda a ajuda recebida, do acolhimento generoso e do trabalho intensivo de seu pai, ele pôde comprar um “pedacinho de terra”.

Uma parceria de 44 anos e que continua até hoje é a do Cleto Dalarme. Ele casou-se em 17 de junho de 1972, com 22 anos de idade. Papai e mamãe foram os padrinhos do casamento. Foi morar numa casa cedida por Genis e, no dia seguinte, começou a trabalhar, roçando pasto, derrubando madeira e na apanha (colheita) de café. Conta que sempre teve um ótimo relacionamento com ele e com toda a família. Por isso, tem muita consideração, como se fosse um segundo pai. São compadres, pois deu sua primeira filha para Genis e Carmen serem os padrinhos de batismo.



A filha Josêmia na fazenda com Cleto

Educação financeira

Com certeza, sustentar uma grande família não é e nunca foi tarefa que alguém conseguisse executar sem esforço, mas isto também não foi aprendido por Genis na educação formal que recebeu. Aliás, ele só estudou até o terceiro ano (hoje equivalente ao 3º ano do fundamental), mas nunca vi alguém tão íntimo com os números e tão bom em matemática como ele. Era um mestre nato nessa disciplina. Talvez seja por isso que era tão bom em planejar o orçamento financeiro. A elaboração do orçamento pessoal e familiar nem sempre é fácil. Definir as necessidades e planejar todos os gastos, considerando sempre a renda disponível, é um grande desafio.

Genis sempre nos deu, na sua prática diária, uma grande lição de educação financeira. Sempre nos ensinou que nunca podíamos gastar mais do que ganhávamos e, se possível, ainda poupar, nem que fosse uma quantia pequena. Também orientava sempre que deveríamos manter um padrão de vida dentro da nossa realidade econômica. Era polido, sabia lidar com o dinheiro e tinha uma mentalidade adequada e saudável em relação a ele.

É comum as pessoas serem atraídas pela facilidade de crédito e pelo forte apelo de consumo, muitas vezes não conseguindo eleger as prioridades adequadas à própria realidade, terminando por ficarem endividadas e sem saber como superar essa situação. Isto, entretanto, não acontecia com ele. Nunca o vi endividado e nem reclamando da situação financeira. Sabemos que os impactos do descontrole financeiro atingem não somente a pessoa endividada, mas todos ao seu redor, principalmente a

família, também amigos e empresa. Os relacionamentos ficam comprometidos e problemas de ordem física e emocional, como crises de estresse, depressão, ansiedade e baixa autoestima, são gerados por esse descontrole. No entanto, esse nunca foi um problema que tivéssemos enfrentado, graças à competência e sabedoria de sua educação financeira naturalmente aprendida. Com isso, gozava de um equilíbrio financeiro que lhe dava paz e tranquilidade. Como dizem os especialistas no assunto e nenhuma escola ensina: “Mais vale um controle financeiro que trinta anos de trabalho.”

Sempre soube ter controle dos gastos, priorizando aqueles que eram essenciais, como alimentação, moradia e vestuário. Isto ele nunca deixou faltar a nenhum de nós. Já os supérfluos, os que geram bem-estar e estão mais ligados aos desejos do que às necessidades, esses nem sempre poderia atender. Também, imaginem, com 11 filhos, cada um com um desejo, cada um querendo um brinquedo, por exemplo, como satisfazer esses desejos individuais? Com toda a sua sabedoria e experiência, explicava que não era possível naquele momento, pois o dinheiro era curto para tantas outras coisas. Dizia que compraria quando fosse possível. Com isso, ninguém se rebelava e aceitava sem problema. Já com os gastos de desperdícios (os que não geram bem-estar e não estão relacionados com as necessidades e nem com os desejos, como, por exemplo, multas e compra de algo que não se usaria), esses, ele não tolerava. Mostrava a dificuldade e o trabalho que daria para conseguir gerar a renda financeira e, com esse argumento, justificava não se poder nem dever fazer esses tipos de gastos.

Ele acreditava que não importa o quanto você tem, mas como administrar o que você tem. E isso requer firmeza de decisão, e ele sempre foi firme, centrado em suas atitudes, com muita humildade intelectual e generosidade mental. O grande conhecimento que possuía sobre essas questões dava-lhe firmeza nas palavras e nas atitudes, mas, por ser um pai generoso e amoroso, era muito cuidadoso.

Lembro-me muito bem da nossa alegria, quando ainda morávamos na fazenda em Santa Rosa da Cachoeirinha, e uma vez por semana ele ia à cidade de Nova Venécia para fazer compras. Andava a cavalo em torno de 6 km, depois pegava caminhão, ônibus, carona etc. Em casa, aguardávamos ansiosamente o seu retorno, pois sempre trazia bombons, biscoitinhos, doces e alguns brinquedinhos, o que era para nós uma delícia. Lembro que mamãe fazia uma lista de coisas para serem compradas, e ele sempre acabava nos surpreendendo, trazendo algumas coisas a mais, o que era motivo de pura alegria. Além de todos os mantimentos, comprava ainda os tecidos das roupinhas que a mamãe costurava para cada um, principalmente as mais especiais, que eram as das festas.

É dia de festa em Santa Rosa da Cachoeirinha... E a família toda reunida, todos bem arrumados e bonitos. Tinha que registrar esse momento.



Família de Genis e Carmen reunida

Educação religiosa

O senso religioso sempre esteve presente em nossas vidas, através dos ensinamentos dos nossos pais. Lembro-me que, ainda bem criança, eu via acontecer, em nossa casa na fazenda em Santa Rosa da Cachoeirinha, uma vez por semana, uma reunião chamada de meditação, da qual participavam todos os vizinhos, entre cinco ou seis famílias, na qual era lido um trecho da bíblia seguido da fala de cada um sobre o que havia entendido e aprendido com a leitura. No final, rezávamos algumas Ave-Marias e um Pai Nosso. Nossos pais entendiam que, no processo educacional, não bastava falar; era preciso praticar, pois são os exemplos vividos pelos pais que serão assimilados pelos filhos. Frequentávamos a igreja católica. Íamos à igreja todos os domingos. Os 11 filhos vivenciaram

a catequese quando crianças, todos foram batizados, fizeram a primeira confissão, receberam a primeira eucaristia, a crisma, enfim todos os sacramentos. Na quaresma era também estabelecido o jejum.

Sabemos que a base religiosa, a educação cristã, a direção espiritual que tivemos é o que nos fortalece e nos faz seguir em frente diante das adversidades da vida. Foi através desses ensinamentos que recebemos e que nos deram direcionamento e senso de responsabilidade que aprendemos a valorizar a família e o trabalho com os fundamentos da fé cristã.

Genis plantou sementes da simplicidade. Em sua comunicação, era aberto, honesto, justo e limpo. Em seus relacionamentos, desenvolveu uma atitude não egoísta. Sempre foi amoroso e misericordioso em relação a nós e aos outros. Grandes mentes têm grandes corações!



Genis nas missas

Ele e a mamãe sabiam da grande importância de uma formação religiosa na vida de cada um de seus filhos, e estavam convictos de que valores como fraternidade, humanidade, moralidade, solidariedade entre outros, seriam benefícios capazes de produzir uma base sólida, dando-nos uma vida regrada, saudável e estruturada.

Dando o exemplo da religiosidade, sempre procurou dar ensinamentos com sua própria vida. Preocupou-se, juntamente com a mamãe, em encaminhar todos os filhos para uma boa educação religiosa.

Como esposo, sempre foi um grande parceiro, amigo e companheiro. Em todos os momentos alegres, tristes e difíceis sempre estiveram juntos. Sempre honrou seus compromissos e responsabilidades de filho, de pai e de esposo com muita leveza para resolver os problemas do cotidiano, sem lamentações, sem se fazer de vítima, e agiu sempre com crenças positivas, com uma mente grata, com sentimentos baseados na fé e sempre firme no que falava e acreditava.

Genis sempre viveu ao lado dos pais. Morou perto deles tanto em Santa Rosa da Cachoeirinha como em Nova Venécia. Quando pensou em comprar um lote para construir sua casa, escolheu um ao lado da casa de seus pais. Sempre teve o maior respeito e cuidado com eles até os últimos instantes. Um grande companheiro, sempre presente em todos os momentos. Um homem que sempre deu muito valor a viver bem em família.



Genis e seus pais

Educação escolar

Genis, seus irmãos e todos os membros da comunidade, pais de família daquela época, exerciam suas atividades sem sequer terem completado o curso ginasial (o que equivale aos 4 primeiros anos do ensino fundamental de hoje). Isto, porém, não tinha relação direta com a condição econômica do indivíduo, como acontece hoje.

A oferta de ensino nos anos 60 era precária e as famílias só podiam contar com educadores comprometidos com seus ideais de mestres que contribuíam com seus conhecimentos. A escola pública não era somente para os mais pobres; era a que tinha para todos na época. Imaginem, então, como deveria ser numa fazenda? Mas Genis, preocupado em dar estudo aos seus 11 filhos, pois considerava a educação como um valor intelectual

relevante para a formação de todos, juntamente com outros membros da igreja católica da época, improvisaram uma sala de aula dentro da Casa Canônica.

O primeiro professor foi Ângelo Bravim, conhecido como professor Angelim, que iniciou dando aulas de matemática debaixo da casa do vovô Victório e mais tarde continuou na sala improvisada. Depois, Dona Iolanda Contarato, esposa do Sr. Nanim Contarato, professora do município de São Mateus, que foi transferida para Santa Rosa da Cachoeirinha. Ela viajou com seus dois filhos pequenos em cima de animais e, ao chegar, hospedou-se por uns 20 dias na casa do Sr. Inácio Milanês. Foi substituída por Maria Odila Milanês Campos (tia Maria), que foi efetivada com a ajuda de Victório Deprá, que a levou em São Mateus (sede do município naquela época). Devido às dificuldades financeiras e de transporte para frequentar os cursos em São Mateus, ela foi substituída por Ana Gaigher Belmonte (conhecida por todos como Dona Ninha). Ela veio do Sul do Espírito Santo, para lecionar naquele lugar e foi substituída por sua filha, Adma Belmont. Outros também muito bons seguiram-se a esses, como Dona Lair Piovezam, Nadir Donadia e Elizabete Fernandes, professoras dos filhos mais velhos.

As aulas aconteciam num clima harmônico e feliz. Importante dizer também que todos os dias, antes de começarem as aulas, rezava-se um Pai Nosso e uma Ave-Maria. Também se cantava o Hino Nacional, sempre com o maior respeito. O material escolar era basicamente um caderno, um lápis, uma caneta, uma borracha e uma tabuada. E assim foi por muito tempo, até conseguirem construir o Grupo Escolar de Santa Rosa da Cachoeirinha.

Em 1972, já com uma estrutura melhorada, uma construção toda de alvenaria com duas salas, uma com os alunos do primeiro e segundo ano e a outra, os do terceiro e quarto ano, dois banheiros e uma cozinha com bancos de madeira envernizados. Nesse tempo, o ensino já contava com professoras de Nova Venécia, normalistas formadas, que iam dar aulas lá. Como era longe para ir e voltar no mesmo dia, até porque elas também davam aulas nos dois turnos, precisaram estabelecer-se por lá. E Genis e Carmen sempre as acolhiam em sua casa de segunda até sábado. Era como se fosse mais uma filha.

Falarei aqui com maiores detalhes da minha época, pois eu era criança quando essas professoras ficaram em nossa casa, mas guardo muitos momentos alegres e marcantes dessa estadia por lá. Apesar dos meus poucos anos, acho que 8 na época, mesmo assim eu levava todos os dias a marmita do almoço com uma comidinha deliciosa e carinhosamente preparada pela minha mãe para a professora. Era muito compromisso, comprometimento, obediência e responsabilidades que tínhamos desde cedo. Claro que tudo isso nos foi ensinado e herdado de nossos pais.

A professora dessa época, Margarida Marchi, posso dizer com toda certeza, foi a minha grande mestra. Nossa família sempre teve e ainda tem muito carinho e respeito por ela; sempre foi uma pessoa muito querida por todos, e tenho certeza do seu carinho dirigido a cada um de nós também. A vida foi tomando diferentes rumos para todos. Por isso, passamos muito tempo sem manter contato, mas, no dia do falecimento do papai, ela mandou mensagens a todos, e foi possível resgatarmos

nossos contatos. Falei que estava escrevendo este livro e perguntei-lhe se gostaria de contar algum fato, fazer algum relato sobre aquela época. Deixei-a bem à vontade e livre e, prontamente, me escreveu o belo texto que transcrevo a seguir:

Sr. Gênis, grande companheiro de jornada, por três anos e meio, período em que desfrutei de sua incomparável companhia, morando em sua casa, juntamente com sua numerosa família. Bem cedo saía eu para a escola Santa Rosa da Cachoeirinha junto com alguns de seus filhos e demais alunos que moravam em suas terras, filhos de agregados, e ele, já a postos em seus trabalhos no curral para a ordenha das vacas, sempre teve cuidado de nunca as soltar antes que eu e as crianças passássemos por ali perto, pois algumas eram bravas e poderiam nos atacar. Atuou sempre como grande líder escolar, preocupado se tudo estava bem, desde a conservação do prédio até da atuação dos alunos e pais em relação ao meu trabalho.

Conseguiu junto à comunidade a reforma da escola, deixando-a muito bonita com a pintura de paredes, janelas e portas e também com a cerca que a protegia.

O fato que mais marcou minha estadia lá foi sua preocupação em mandar seus filhos pequenos (9 ou 10 anos) irem a cavalo, bem cedinho, me buscar na estrada onde o ônibus me deixava. Isso antes das 6 h e, inesperadamente, lá se encontravam os meninos que me levavam a cavalo num percurso de quase 1 hora. Pudessem estar frio, quente, chovendo, e lá estavam as criaturas amadas que também eram meus alunos.

Sr. Gênis viveu sempre feliz. Nunca presenciei qualquer nervosismo no trato com seus negócios e muito menos com a família, pai amoroso e preocupado com o estudo dos filhos.

Quando de volta para casa de meus pais, somente aos sábados, ele muitas vezes também ia no mesmo ônibus e preocupado, me ajudava a carregar as coisas (frutas, cereais, até galinhas) que ganhava dos alunos, até chegar à rodoviária em Nova Venécia, onde papai me esperava.

Muito religioso, certa vez tomou a frente para construir um palco no pátio da igreja católica, para que as crianças pudessem apresentar a coroação de Nossa Senhora e que posteriormente serviu também para apresentação de uma peça teatral. Ele sempre à frente. Inesquecível!

Participava em todas as reuniões de pais, sempre fazendo uso da palavra, em benefício à educação e aos educadores.

Também seria impossível esquecer que, quando chovia muito forte, sua preocupação era grande com a travessia que tínhamos que fazer sobre um lajedo, por onde corriam as águas do rio, pois, cheio, aumentava a correnteza, e ele muitas vezes nos acompanhava, para fazer nossa travessia com segurança, especialmente dos pequenos.

Quanta dedicação, meu Deus! (Margarida Marchi).

A política: mandato de vereador

Genis foi eleito vereador em Nova Venécia. Exerceu o mandato de apenas dois anos, entre 31 de janeiro de 1971 a 1973, em razão de ajustes da legislação eleitoral que, na época, criou o mandato tampão.

Nesse tempo, ele ainda morava em Santa Rosa e o meio de transporte era o cavalo. Para ir às reuniões da Câmara, muitas vezes precisava enfrentar muita poeira, calor ou chuva e precisava levar seu terno dentro do “picuá” (espécie de bolsa tipo saco de lona ou de tecido de algodão para levar roupa ou comida). Entretanto, toda essa dificuldade não o impedia de cumprir o seu dever. Por isso, ele requereu ao Presidente da Câmara a alteração do regimento, para que o liberassem da formalidade do terno e gravata, e foi prontamente atendido. Um detalhe: vereador naquela época não tinha remuneração, e ele foi o segundo mais votado.

Essa candidatura foi mais para agradar a um primo político, que insistiu para que ele entrasse, mas nunca gostou de cargos públicos. Na verdade, nem campanha fez. Aliás, fazia sim, dizendo: “Não votem em mim...” Mas, surpreendentemente, sem nenhuma exceção, todos os votos dos eleitores da urna de Santa Rosa da Cachoeirinha, Nova Venécia (ES), foram para ele. Um fato histórico: a mesma quantidade de votos que ele teve como candidato a Vereador, o primo Walter De Prá, candidato a Deputado Estadual, e Oswaldo Zanello, candidato a Deputado Federal, também tiveram. Todos nós tivemos muito orgulho dele. O prefeito eleito foi Antonio Moreira e o vice Antonio Barbosa Sena Junior.

Todo mundo gostava dele, pois era um homem incrivelmente inteligente, mente firme, paz na alma, atento, bem informado, bem-humorado, alegre, de bem com a vida e conseguia conversar sobre assuntos diversos com elegância e diplomacia. Conhecimento e sabedoria não precisam necessariamente ser fruto de diplomas. A experiência de vida, do trabalho diário, dos diversos meios com os quais ele se movimentava, tudo isso gerou um conhecimento enorme e que superava em muito o que é aprendido num banco escolar.



Vereadores de Nova Venécia

Primeira cirurgia de Genis

O bebê que havia passado por uma prova aos 11 meses teve que vencer mais uma, em 1974, com uma cirurgia muito delicada na coluna, num Hospital de Vitória.

De muito trabalhar, e o trabalho era árduo, capinando, roçando, carregando sacos de café nas costas, começou a sentir dores na coluna, que iam aumentando, mas o trabalho não podia parar, até que um dia a dor estava tão forte que não deixou o guerreiro se levantar mais. Tinha que se arrastar pela casa, porque já não conseguia mais se levantar. Nesse dia, estava nos visitando o tio Glycério, seu irmão, que, ao assistir àquela cena, imediatamente carregou-o nos braços e o colocou num fusquinha e seguiram rumo ao Hospital São José em Vitória. Depois de consultas e exames, já não havia outra opção a não ser fazer uma cirurgia urgente. E assim foi feito. Foi operado pelo Dr. Pedro Mota. Ficou internado quase 15 dias, sempre acompanhado pelo irmão. Após a cirurgia, ele voltou a ter uma vida normal, podendo se dedicar ao trabalho no mesmo ritmo que já vinha atuando.

Da fazenda para a cidade

E assim Genis ia levando a vida. Os filhos foram crescendo e chegara a hora de dar prosseguimento aos estudos. Então, o jeito foi construir uma casa em Nova Venécia. Mudaram-se todos para lá em 1974. Nessa época, a filha mais velha já havia se casado, o segundo foi fazer

faculdade em Viçosa (MG) e o terceiro foi trabalhar e estudar em Salvador. Restavam ainda 8 dentro de casa. Juntamente com mamãe, ele educou e criou todos, dando-lhes o que podiam. Graças a Deus, cada um seguiu a direção que escolheu para sua vida, com as bênção dos dois.

Com muita elegância, alegria e orgulho foram na formatura do curso de Engenharia Florestal do filho mais velho, Joselias, no dia 15 de dezembro de 1978, na Universidade Federal de Viçosa (MG). Afinal, sabia do sacrifício e da dedicação para chegar até aí e era mais do que merecido e justo comemorar.

A chegada da primeira neta deixou-o muito feliz, pois gostava muito de família grande. Hoje são 23 netos. Sempre sentiu muito orgulho disso.



*Imagens da casa de
Nova Venécia*





Formatura do filho Joselias



Genis, filhos mais novos e a primeira neta, Márpia, no colo

Em Nova Venécia, Genis fazia parte da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida e foi eleito presidente em 1980 por um ano, prestando serviços voluntários.

Como descendente de italianos foi homenageado pela sua participação no 1º Centenário da Imigração Italiana em Nova Venécia.

E assim foram 24 anos morando em Nova Venécia, cidade amada por todos nós, mas especialmente por ele. Continuava com as terras em Santa Rosa da Cachoeirinha, para onde ia trabalhar todos os dias de manhã e retornava à tarde. Grandes amizades foram feitas, muitas emoções foram vividas, muitas conquistas, muitas vitórias e, sobretudo, a certeza de ter convivido com pessoas verdadeiramente do bem, pessoas simples, humildes e também de muitas histórias de luta e trabalho, que ficaram gravadas para sempre em seu coração. Falar em Nova Venécia e Santa Rosa da Cachoeirinha deixava os olhinhos dele brilhando.



Certificado pelos serviços voluntários à Comunidade de Nossa Senhora Aparecida



Diploma de participação no 1º Centenário da Imigração Italiana



Fusquinha de Genis

Comprou seu primeiro carro, um fusquinha azul, placa BE-2883, mas nunca dirigiu, nem quis aprender. Mas foi nesse carro que todos os filhos aprenderam a dirigir, quando já moravam em Nova Venécia. Cada filho tem uma história desse carro para contar. Era nesse fusquinha que ele ia todos os dias para Santa Rosa, sempre acompanhado de um filho.

Dentre as muitas histórias, uma foi engraçada. Com a sua grandiosa bondade, ele sempre dava caronas para diversas pessoas, até aquelas que não conhecia. Como era muito prestativo, viu um homem subindo a pé numa rua muito íngreme e sem calçamento e ofereceu uma carona. Seguiram conversando sobre diversos assuntos e o homem perguntou: “O senhor não dirige?” Ele

respondeu: “Não, esse meu filho é o mais novo (João Angelo). Ainda tem 16 anos e, por isso, não tem Carteira de Habilitação. Sei que não é correto, mas como preciso de alguém para me levar nos lugares e ele dirige bem e com responsabilidade, só sai comigo. A gente procura evitar os lugares onde os guardas possam nos parar.” Papai, como era muito comunicativo e curioso perguntou ao homem: “Com que você trabalha?” Sorrindo, ele respondeu: “Sr Genis, eu sou um guarda de trânsito, mas fique tranquilo, pois nunca vou parar vocês.”

Entre muitos fatos e acontecimentos, mais um que não posso deixar de relatar. Quando Genis retornava de Santa Rosa da Cachoeirinha no final da tarde, depois de um dia de trabalho, ao chegar em Nova Venécia, bem na entrada da cidade, uma parada no Bar do Zé Drago, um grande amigo de Genis, era “obrigatória”. Contam os meus irmãos que essa visita era um pouco demorada, pois, entre muitas conversas, piadas e brincadeiras, tomavam umas cachacinhas e, de vez em quando, a jurubeba, sua preferida da época. E haja saideira! Isso sempre fazia parte da volta para a casa.

Nesses anos, muitas coisas foram acontecendo com os filhos. Viraram adultos, inteligentes e trabalhadores. Com a herança de empreendedorismo do pai, começaram a pensar em ter seus próprios negócios.

Segunda cirurgia de Genis

Em setembro de 1978, seu irmão Aristeu sofreu um grave acidente na Bahia e foi levado para o Rio de Janeiro em busca de maiores e melhores recursos. Infelizmente acabou ficando paraplégico. E Genis foi visitar o irmão, que estava internado na Casa de Saúde São Miguel. Nessa visita, ele acabou sentindo uma dor muito forte no estômago e seu outro irmão, Glycério, levou-o na Clínica Bambina, em Botafogo. Marcou uma consulta com um excelente profissional, Dr. Cleon, clínico geral. Ao avaliar a gravidade da situação, encaminhou o meu Pai imediatamente para o Dr. Celso Portela, cirurgião, e por lá mesmo ficou para uma cirurgia, urgente, grande e delicada. Fez uma gastrectomia (retirada de uma grande parte do estômago) e ficou internado por alguns dias, mas tudo correu bem. Depois da alta hospitalar, ele ainda ficou no Rio por uns 10 dias, na casa do irmão, para se restabelecer, e voltou são e salvo para a sua casa em Nova Venécia.

Nova mudança: Paraquominas

Um dos filhos mais velhos, Juarez, foi com um espírito aventureiro conhecer o Pará. Passou quase três meses no interior, num povoado chamado Gurupizinho dos Capixabas, onde morava uma tia, irmã de Genis, Marlene, casada com Camilo Uliana, que o convenceu a falar com os outros irmãos para irem investir naquele

lugar. Juarez voltou para Nova Venécia, conversou com todos e incentivou o pai a ir pelo menos conhecer. E assim, Genis foi com seus filhos Marquinho e Juarez e seu genro Zelino Callegari. Viajaram de carro para ir conhecer e ver se realmente haveria possibilidades de novos horizontes. Foram bem recebidos por Camilo que, a título de incentivo, doou um terreno para a construção de uma serraria, doou motosserra e emprestou o caminhão para puxar a madeira, entre outras ajudas. Genis sempre reconheceu e teve uma grande gratidão por seu cunhado por tudo isso.

Como era um homem de negócios, com uma visão empreendedora, Genis sentiu que aquela poderia, sim, ser uma boa oportunidade para seus filhos começarem a trilhar uma nova vida como empreendedores. Ponderou, entretanto, que o investimento era alto. Afinal, tratava-se de montar uma serraria com muitas máquinas! Genis não mediu esforços para ajudar seus filhos e genro. Acreditou na capacidade deles e fez um grande investimento. “Hipotecou” suas terras, como garantia, ao Banco Banestes, em Nova Venécia, tomando o financiamento em seu próprio nome, pois ele tinha muito crédito, por ter um perfil correto e ter fama de bom pagador.

Era um grande desafio, pois corria muitos riscos, inclusive de nada dar certo. Com o total apoio do pai, em 1980, quatro irmãos (Janete e seu esposo, Marquinho, Juarez e José Vitório) foram tentar uma nova vida no Pará, mais precisamente no Gurupizinho dos Capixabas, na época município de Paragominas, hoje cidade de Ulianópolis. E foram com muita coragem, vontade de vencer, espírito de luta, de união e na certeza de muito

trabalho e de muitos desafios. O lugar não tinha nem luz, nem água, nem telefone. E quando surgiam alguns problemas ou impasses de qualquer ordem, chamavam o Sr. Genis que, prontamente, pegava um ônibus e lá ia para conversar, analisar, aconselhar, apaziguar e ajudar a resolver o que fosse preciso.

E assim, seguiram o mesmo rumo do amado Pai, trabalhando com serrarias e fazendas. Graças a Deus, eles venceram, construíram muita coisa e, aos poucos, os outros também foram indo, ano após ano. Hoje dez filhos, com exceção de mim, que sempre morei em Salvador, construíram suas vidas, seus negócios, suas famílias e são muito agradecidos a Deus e a Genis, por ter permitido esta oportunidade.

Depois que todos foram morar no Pará, Genis se perguntou: “E aí, o que fazer?” Mesmo sentindo muito a falta dos filhos, enquanto seus pais e sogros estavam vivos, era um grande e bom motivo para continuar morando em Nova Venécia. Depois que eles partiram, em junho de 1998, Genis e Carmen foram também morar em Paragominas. Naturalmente este foi um momento delicado. A tomada de decisão de se desapegar de tudo que havia sido construído até então e partir para outra realidade. Deixar para trás, amigos, parentes, a fazenda, a casa, enfim, toda uma história de vida, para recomeçar em outra cidade e em outro estado. Mas foi tudo planejado. A fazenda continuaria sendo olhada pelo parceiro de confiança. Na casa, ele deixou, de forma muito carinhosa, uma sobrinha, a Margarete Callegari e sua família, morar sem ônus algum, para tomar conta. Assim, todas as vezes que voltasse a Nova Venécia, sua casa,

seu canto, seu ninho estaria ali e poderia desfrutar de seu conforto e diminuir um pouco a saudade que sentia de tudo. Vida nova de novo! Como não tinham total convicção, a princípio alugaram uma casa. Só depois de terem a certeza de que Paragominas era mesmo o lugar onde iriam ficar, construíram uma confortável casa para morar e receber toda essa grande família. E sempre ficou cheia de filhos, netos, noras, genros e amigos.

Em Paragominas, levava uma vida simples, mas com muita liberdade. Saía por tudo quanto é canto a pé. Ia a bancos, padarias, supermercado, lotérica. Aliás, com essas idas à lotérica, ele se habituou a fazer toda semana jogos da Mega-Sena. E ele repetia os mesmos jogos há mais de 17 anos e essa prática prosseguiu até seus últimos dias. Eu, inclusive, cheguei até a plastificar os cartões para guardar mais esta lembrança com muito amor, carinho e saudades. Os irmãos estão dando continuidade a esse legado... continuam a fazer a “fezinha”. Outra coisa que ele fazia com muito prazer era comprar o seu habitual vinho, que muito apreciava. Ele sempre falava com as pessoas que os médicos o haviam liberado para tomar uma taça de vinho antes do banho. Então, em tom de brincadeira, dizia a todos que começou a tomar vários banhos por dia e assim ficava tudo certo.

Nessa nova vida em Paragominas, puderam participar de muitos momentos especiais: nascimentos de netos, visitas constantes, viagens e muitas festas.

Além do papel de avô, também o de padrinho. Eles ficaram muito lisongeados e felizes quando receberam o convite para batizarem um neto. Foi um momento lindo e especial para eles que, mesmo com o avanço da idade,



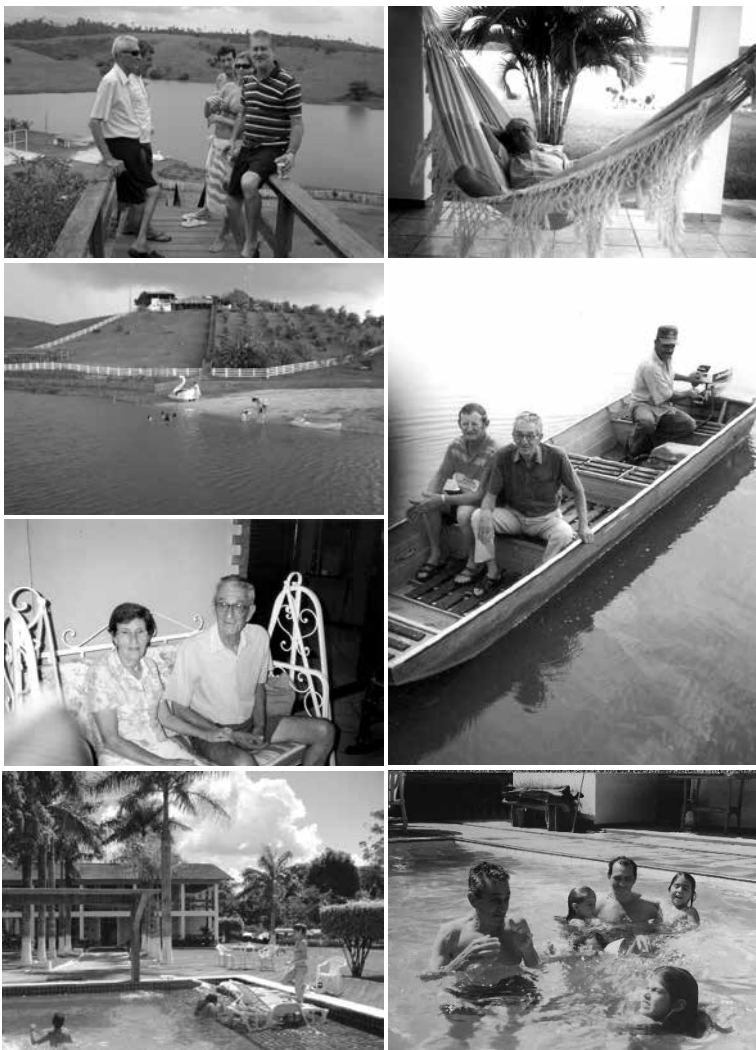
Imagens da casa em Paragominas



Batizado do neto Artur

ainda puderam ter esse carinho, essa confiança e essa bênção. Por falar em batizados, meu amado Pai teve a quantidade impressionante de 53 afilhados de batismo.

Nos 18 anos de vida em Paragominas, Genis estava sempre rodeado de pessoas, era amado e admirado por todos. Depois de uma vida dedicada à família e de tanto labutar na criação de toda essa grande família, começou a ter o direito de colher os frutos do que plantou. Chegou



Momentos da vida de Genis nas fazendas dos filhos

a hora de se divertir e poder curtir as coisas que a vida lhe oferecia. Um dos programas preferidos era visitar as fazendas dos filhos. Momentos de grandes alegrias e descanso...

Muitos foram os momentos prazerosos e de muita alegria junto com a família sempre energizada. Todos os natais eram uma grande festa. Cada aniversário era comemorado, cada final de semana era um acontecimento. A maior alegria dele era estar rodeado dos filhos, netos, noras, genros, sobrinhos, primos etc... Ele conseguiu criar laços profundamente fortes de estima e adoração pela família, soube conduzir isso com muita sabedoria e maestria.

E os grandes momentos não poderiam passar em branco. Afinal, ele iria fazer 70 anos!

Foi comemorado com a presença de todos os seus irmãos, toda a sua família e muitos amigos. Nos fios brancos de seus cabelos, estão as marcas dos momentos inesquecíveis de uma grande história de amor e dedicação.

Em Paragominas, em muitas tardes, na hora do lazer, ele ficava fazendo palavras cruzadas, e era fera! Achava todas com muita rapidez e fazia até o fim do livrinho. Só então começava outro. Foram muitos e muitos. Enquanto isso, a grande companheira ficava ao lado, colorindo seus belos desenhos. Uma vida inteira de amor, amizade e companheirismo!



*Comemoração dos 70 anos de
Genis*



Genis e Carmen em momento de lazer

Bodas de Ouro

Outra grande comemoração foi a dos 50 anos de casados. Uma linda festa de Bodas de Ouro.

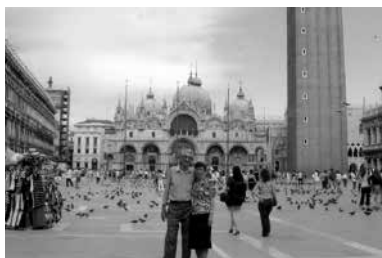
Sabemos que se gasta apenas alguns minutos para realizar um casamento, mas espera-se *meio século* para realizar um casamento de *ouro*. Sem amor e respeito não teriam conseguido chegar aos 50 anos de casamento. Mais de meio século juntos... Meio século de amor, paciência, respeito e, com certeza, com muitas atitudes sábias. O AMOR é a palavra-chave. É ele que dá sustentação para uma união sólida e indestrutível. Há 50 anos uniram-se pelos laços matrimoniais e, durante todo esse longo tempo, compartilharam juntos alegrias, tristezas, surpresas, emoções, enfim, tantas coisas. Andaram lado a lado, sempre juntos pela vida a fora e construíram com dignidade uma história de vida, da qual nós, seus filhos, fazemos parte com muito orgulho.

Era assim que gostávamos de te ver. Sempre alegre, feliz e rodeado da família e dos amigos. Nos 50 anos de casados, além da comemoração, receberam um presente especial: uma viagem à Itália, para conhecerem a cidade da origem das famílias. Com eles foram o filho Marquinho e sua esposa e também a neta Priscila.



Momentos da festa de bodas de ouro

Um belo passeio em Veneza. Clima de romance no ar...
Que passeio lindo! Passeio também em Lisboa.



Aniversário de 80 anos

Por sermos uma família tradicionalmente católica, não poderíamos deixar de celebrar uma missa especialmente para agradecer a Deus pelo dom da vida. Muitos parentes e amigos estiveram unidos a todos nós para homena-

80 anos. Convite do aniversário



A família na igreja onde foi celebrada a missa

gear e comemorar uma vida bem vivida, na esperança de muitos bons anos pela frente.

E as comemorações não paravam. Chegou a grande data especial: os 80 anos. Que data linda, que bênção de Deus poder tê-lo com saúde, alegria, muita disposição e lucidez. Comemoramos numa linda festa, com a presença de toda a numerosa família. Parentes e amigos vieram de toda parte do Brasil, a decoração estava linda, a comida gostosa e farta, muita bebida, mas especialmente vinho, que era a sua bebida predileta.

Um garafão de vinho de 5 litros, presente de Marcão (genro) para o “Veio” Genis.

Mensagem dos filhos para ele:

Pai, 26 de junho de 1931. Teu nascimento! Passaram-se 80 anos e hoje tu estás aqui reunido com toda a tua família, parentes e alguns de teus bons amigos, para comemorar e reverenciar este glorioso dia.

Tantos sonhos realizados e outros tantos ainda adiados, mas nunca desististe diante dos embates da vida. Houve dificuldades, sim, momentos difíceis também, às vezes o cansaço era grande, mas sabias também que a tua missão era muito maior. Colocou 11 filhos nesse mundo e sabias de tua responsabilidade de dar uma boa educação não só pelos estudos, mas também uma boa formação emocional e espiritual para a construção de cada um, passando a nos ensinar a importância de valores, como honestidade e respeito ao próximo. E o mais importante é que continuaste firme em teu processo de fortalecimento interior, na tua história, na construção da felicidade, semeando concórdia, ensinando o

significado de se preservar a honra e a dignidade com o trabalho, mostrando-nos os verdadeiros valores da vida, aqueles que realmente fazem uma pessoa trilhar no caminho da vida, na busca da evolução para se tornar um pouco melhor a cada dia.

É nisso que nos espelhamos para a construção de nossas vidas e de nossas famílias, porque é muito normal hoje em dia os jovens verem seus pais como uma máquina de fazer dinheiro, mas o senhor nos ensinou que tínhamos que trabalhar muito para ter dinheiro... É dentro de casa que a gente aprende o melhor da vida.

Nós, teus filhos, queremos te agradecer pela força de caráter e dignidade, pelo teu bom humor, pela tua alegria, pelo que edificaste em nós sobre base de respeito, amor e confiança. Agradecemos também pelos ensinamentos, honra e honestidade, verdade, sabedoria, pelo exemplo de ser humano transparente e verdadeiro em tudo que fizeste. Quanta felicidade, para cada um de nós, tua esposa, filhos, netos, noras, genros, irmãos e irmãs, primos e amigos! Quanta alegria, podermos comemorar aqui, hoje, todos juntos, a alegria de te ter ao nosso lado!

Muito obrigado por tudo!!

Feliz Aniversário, E que Deus te abençoe sempre!

Muita Luz e muita Paz (26 de junho de 2011).



Momentos da festa dos 80 anos



*Garração de vinho de 5 litros, presente de Marcão (genro)
para o "Vêio" Genis*

Em 2015, em Prosperidade, Sul do Espírito Santo, sua madrinha de batismo fez 100 anos e Genis foi comemorar e dar seu abraço na tia Albertina. Ele tinha muito carinho por ela e sentia-se orgulhoso por ainda ter sua madrinha viva, com saúde e lúcida, comemorando um centenário de vida.



Imagens da festa de aniversário de 100 anos da tia Albertina

Construção do campo de futebol de Santa Rosa da Cachoeirinha

Não posso deixar de mencionar aqui, que Genis Deprá e Darci José Fiorio (tio de Genis) foram os pioneiros, os que construíram o “Campo de Futebol”. O local não poderia ser mais bonito. A área pertecia a Darci Fiorio e o terreno foi doado por ele. As famílias Fernandes, Bravim, Sechim, Campos, Dalfior, Possa, Luqui, Milanez, Uliana, entre outras, se juntaram e todos contribuíram de forma voluntária para essa construção. Era muita luta e muito trabalho pesado, uma força tarefa, tudo feito com as próprias mãos. As ferramentas usadas eram todas manuais (enxada, enxada, picareta, facão, foice, cavadeira etc.). Os entulhos retirados eram puxados com duas cangas de bois, uma da família de Tranquilo Uliana e outra de Victório Deprá. As traves foram feitas a mão por Victório Deprá e Antenor Bravim. Importante dizer que todos os trabalhos desses voluntários eram feitos aos sábados e



Josemia e o Sr. Zeferino Sechim

aos domingos, porque, durante a semana, tinham que trabalhar duro para o sustento de suas numerosas famílias. Bebiam água do córrego e cada um levava sua marmitta para o almoço. A grama plantada, eles retiravam de onde encontravam e cada um levava um pouco nas “cangalhas de burro”, único meio de transporte. Graças ao excelente clima da época, muito favorável e com muita chuva, a grama cresceu lindamente sem adubar e sem irrigar. Levou aproximadamente 10 meses para concluírem.

Recentemente, em visita ao Sr. Zeferino Sechim, agora com 91 anos, muito bem de saúde e muito lúcido, grande amigo de meu amado Pai, tive bons momentos de conversa agradável e cheia de revelações.

Ele contou que muitas vezes, quando o time ia jogar em outros lugares, eram levados pelo caminhão do Didi Grechi, que às vezes atolava nas estradas de chão por causa das chuvas e de muita lama. E eles tinham que empurrar e fazer muito esforço para conseguir sair e

chegar a tempo no jogo. E assim foi formado o primeiro time de futebol de Santa Rosa da Cachoeirinha.

Valdemar Campos era o treinador do time de Santa Rosa da Cachoeirinha; Coitinho e Raphael Deprá foram os goleiros. Genis (ponta esquerda), Zeferinho Sechim (ponta direita). Nas outras posições, Idílio Dalfior, Leandro Sechin, Mario Sechim, Otavio Sechim, Dionizio Fernandes, José Fernandes, os Biazatis, Ângelo Campos, Luizinho Campos, Rafael Campos, entre outros bons jogadores e grandes amigos.

Esse time de “craques” jogava com os times de Nova Venécia: o Veneciano e o Leão de São Marcos. Conta tio Glycério que, quando iam jogar em Nova Venécia, os torcedores dos times de lá ficavam caçoando deles, chamando-os de “time polenteiro” (por serem comedores de polenta), e por acharem que o time era fraco, mas os polenteiros muitas vezes ganhavam dos times da cidade com *show* de bola. O time de Santa Rosa foi o único de toda a redondeza interiorana a ganhar uma partida do famoso Veneciano.

E Genis, infelizmente, depois de alguns anos jogando muito, e tido como um “craque do time”, acabou fraturando o joelho fortemente, o que o afastou dessa sua grande paixão. Mas sempre gostou muito de futebol. E até colocou alguns nomes de seus filhos em homenagem aos craques de seu time do coração, o Botafogo, que tem como torcedores apaixonados até hoje quase todos os seus filhos, com exceção de duas filhas, eu e Gerusa (flamenguistas). Todos os netos homens também são botafoguenses.



Em fevereiro de 2017, um dos netos, Caio, em homenagem ao avô, personalizou uma cadeira no Estádio Nilton Santos, casa do Botafogo de Futebol e Regatas. Quando a nova diretoria do Botafogo assumiu, eles criaram algumas opções para ajudar a arrecadação do clube. Uma delas foi dar o direito de o torcedor poder personalizar uma cadeira, mediante o pagamento de uma taxa. “Então, coloquei o nome do vovô Genis em uma delas. Afinal, foi ele quem levou todos nós a torcer. E era o orgulho dele isso.” (*Palavras de Caio*).

Torneio União Familiar

Há 29 anos teve início o “Torneio União Familiar” da Comunidade de Santa Rosa da Cachoeirinha. Começou com as famílias que frequentavam a comunidade. O primeiro aconteceu em 1988, com apenas cinco famílias. Como eram poucas as que participavam, acontecia após a reza do domingo. Agora o evento cresceu muito e, com isso, está iniciando às 8 horas da manhã e se estende pelo dia inteiro, ficando até às 18 horas ou mais. Atualmente esse evento faz parte do calendário cultural do município de Nova Venécia.

Uma comissão organizadora de pessoas voluntárias, que ao longo desses anos vem cumprindo regras estabelecidas, faz acontecer esse evento uma vez por ano, sempre no segundo domingo de julho. Participam atualmente aproximadamente 14 famílias.

De acordo com uma das organizadoras, a Sra. Vera Piovezam Callegari, eles sentiam a ausência da família Deprá, que sempre fizera parte da história daquele lugar, e tiveram a ideia de convidá-la a participar. O efeito dessa participação mudou a festa, tornando-a mais alegre e motivadora, pois isso fez com que atraíssem mais pessoas para o evento, já que todos gostariam de rever a família Deprá, em especial o Sr. Genis e Dona Carmen. Ela também se recorda da conversa que teve com Genis, quando ele, emocionado, contou sobre sua participação na difícil tarefa da construção daquele campo de futebol.

Como Santa Rosa da Cachoeirinha é o lugar onde tudo teve início, ainda hoje nossa família mantém vínculos de amizades e de negócios, porque ainda temos a fazenda e

muito carinho e respeito por todas as famílias que moram lá. Não poderíamos deixar de aceitar o convite e marcar presença num dia tão especial. A família Deprá começou a participar nos últimos 6 anos e, claro, todos os filhos, netos, sobrinhos, primos e tios foram motivados pelo amado Genis, que sempre teve muito orgulho daquele lugar no qual se sentia extremamente à vontade e muito feliz e acolhido por todos.

Com uma grande quantidade de times, esse torneio acontece o dia inteiro. Por ser um grande acontecimento naquele lugar pequeno, porém cheio de energia boa, de muita gente do bem e de uma extrema beleza física, frequentam aproximadamente 1.500 pessoas. A diversão é garantida! Muita gente bonita e de todas as idades. Crianças, jovens, adultos e idosos, famílias inteiras. Como bons descendentes de italianos, a festividade é sempre regada de muita comida, bebida e de grandes e prazerosos encontros com amigos. E, claro, a nossa família nunca saiu vencedora desse torneio, porque os jogadores eram mais motivados a curtir a festa do que a própria bola. Os jogadores que se juntam para formar o time da nossa equipe são um misto de “Deprá’s” de vários lugares: da Bahia, do Pará e do Espírito Santo.

Lembro-me, com muita nitidez, do primeiro que participei. Fiquei extremamente orgulhosa e feliz de ver meu pai ser tão solicitado! Todos queriam dar um abraço e conversar um pouquinho com ele. As pessoas ficavam de olho, aguardando o momento de poder chegar perto dele. Eu ficava preocupada, porque não o via sentar-se nem um minuto. Não conseguia, não davam espaço. Era o dia inteiro, com sua elegância, com sua educação e boa

disposição, papeando com todos os que se aproximavam. A sua alegria era notória, pois dava para ver o brilho de seus olhos. Um povo super acolhedor, pessoas simples, inteligentes, do bem, muito verdadeiras, transmitindo a pureza e a sinceridade de seus sentimentos em cada olhar, em cada aperto de mão e em cada abraço. Daí se comprova que as boas atitudes nunca ficam sem mérito. Por ter sido tão especial, humano, simples e justo com todos, a prosperidade da amizade é certa e duradoura. É a lei da ação e reação. A lei de que você colhe o que planta.

Sempre com alegria e bom humor, ele falava: “Me queiras bem que não te custa nada.” Ele sempre queria o bem de todos.

Como um bom amante do vinho, ao chegar, ainda bem cedo, alguém que estava trabalhando na organização do evento já separava o seu vinho. Quando davam uma folguinha, lá ia ele apreciar o seu gole.

O último torneio em que Genis marcou presença foi em 2015. Em 2016, passou o mês de julho internado, mas o torneio não aconteceu em razão da grave e terrível seca em todo o estado, especialmente no Norte do Espírito Santo. Diante da situação hídrica, nunca vista antes, que provocou sérias consequências na agricultura, na pecuária e no abastecimento humano, não foi possível a realização. Assim que esses problemas forem sanados, tudo voltará ao normal. E assim, a gente roga a Deus por chuvas naquele lugar. Temos muito desejo que o torneio continue e que possamos participar sempre, embora agora sentindo muito a ausência do amado Genis, que, com certeza, estará participando espiritualmente e feliz.



*Imagens dos torneios de futebol na comunidade de
Santa Rosa da Cachoeirinha*

Um fato muito recente, não posso deixar de mencionar aqui, pela grandiosidade do gesto de carinho do pessoal de Santa Rosa da Cachoeirinha, que nos deixou muito

09 de Julho 2017

PROGRAMAÇÃO

18h - Almoço
19h - Celebração

ALMOÇO CHURRASCO CERVEJA

DEMONSTRAÇÃO

19h - Abertura do torneio com: Homenagem especial
e apresentação dos torcedores das famílias

20h - Início do torneio da Futebol de Campo

1º Jogo: Gênis x Machado
2º Jogo: Colares x Drago
3º Jogo: Oficial x Araújo
4º Jogo: Figueira x Bravim

HISTÓRICO TORNEIO UNIÃO FAMILIAR

Ano	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
1998	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
1999	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2000	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2001	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2002	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2003	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2004	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2005	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2006	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2007	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2008	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2009	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2010	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2011	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2012	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2013	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2014	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2015	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2016	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto
2017	Campeão	Vice	Terceiro	Quarto



Troféu do 29º Torneio – 2017

felizes. O 29º Torneio União Familiar aconteceu recentemente, mais precisamente no dia 9 de julho de 2017 e homenagearam meu amado Pai, dando ao troféu o nome: “Troféu Genis Deprá”. Esse ano a Família Deprá não participou do Torneio, mas, mesmo assim, dois irmãos (Joselias e Jefferson) foram prestigiar e fizeram a entrega do troféu aos ganhadores: família Bravim.

Nossos pais merecem todo o respeito e carinho do mundo...

Genis e Carmem, com muita sabedoria, construíram uma saudável estrutura familiar, fincada em base sólida, fonte de exemplo para todas as gerações, que inspira a formação de novas famílias.

Onde quer que estejamos, sabemos que nunca estaremos sozinhos. A importância disso, só pude entender com o passar dos anos.

É impossível tomar um vinho e não lembrar de você...



Genis, Carmen e sua filha Josêmia



Um brinde a você Genis Deprá. Te amarei eternamente...



FILHOS DE GENIS

Janete do Carmo Deprá Callegari, nascida no dia 4 de abril de 1955, casou-se com Zelino Callegari no dia 29 de dezembro de 1973. Divorciaram-se em 2 de abril de 2008. Tiveram 2 filhas: Márpia e Priscila. Márpia Callegari, nascida no dia 14 de dezembro de 1976, casou-se com Ivanildo Gama. Divorciaram-se em dezembro de 2016 e tiveram uma filha: Julia Callegari Gama. Priscila Callegari Reis, nascida no dia 10 de outubro de 1981, casada com Frederico Nobre Reis, uma filha: Letícia Callegari Nobre Reis.

Joselias Deprá, nascido no dia 9 de abril de 1956, casado com Gisella Teixeira Zavarise Deprá no dia 2 de julho de 2002, 2 filhos: Artur Zavarise Deprá, nascido no dia 16 de dezembro de 2005, e Alice Zavarise Deprá, nascida em 19 de abril de 2013.

Jadirmarcos Deprá, nascido no dia 21 de abril de 1957, casado com Sirlene Aparecida Morales Deprá no dia 2 de fevereiro de 1991, 2 filhos: Monique Morales Deprá, nascida no dia 2 de julho de 1991, e Caio Morales Deprá, nascido no dia 7 de fevereiro de 1994.

Juarez Deprá, nascido no dia 13 de julho de 1958, casado com Jusineide Gualberto Deprá no dia 30 de dezembro de 1990, 2 filhas: Victória Gualberto Deprá, nascida no dia 20 de julho de 1996, e Brenda Gualberto Deprá, nascida no dia 7 de junho de 2001.

Gerusa Maria Deprá Martins, nascida no dia 26 de setembro de 1959, casada com José Maria Fernandes Martins no dia 20 de janeiro de 1990, 2 filhas: Laís Deprá Martins, nascida no dia 22 de abril de 1991, e Laura Deprá Martins, nascida no dia 23 de julho de 1992.

Girlene Deprá Tiússi, nascida no dia 9 de outubro de 1960, casada com Marcos Alberto Tiússi no dia 15 de agosto de 1985, 2 filhos: Laila Deprá Tiússi, nascida no dia 26 de agosto de 1988, e Vitor Deprá Tiússi, nascido no dia 6 de julho de 1990.

José Vitório Deprá, nascido no dia 8 de março de 1962, foi casado com Rita de Cássia Rocha no dia 17 de março de 1993, divorciado em 12 de março de 2014, 2 filhos: Vitório Deprá, nascido no dia 27 de fevereiro de 1995, e Lucas Rocha Deprá, nascido no dia 6 de julho de 1998.

Jefferson Deprá, nascido no dia 25 de fevereiro de 1963, casado com Eliana Brunoro Deprá no dia 29 de maio de 1992, 3 filhos: Jefferson Deprá Filho, nascido no dia 18 de março de 1994, Bruna Brunoro Deprá, nascida no dia 10 de junho de 1996, e Gabriel Brunoro Deprá, nascido no dia 24 de setembro de 1998.

Josêmia Maria Deprá, nascida no dia 18 de maio de 1964, solteira e sem filhos.

Genis Carlos Deprá, nascido no dia 28 de agosto de 1967, casado com Adriana dos Santos Deprá no dia 7 de julho de 1993, 3 filhos: Genis Deprá Neto, nascido no dia 11 de novembro de 1993, Gabriela Santos Deprá, nascida no dia 19 de novembro de 1999, e Mariana Santos Deprá, nascida no dia 26 de julho de 2011.

João Angelo Deprá, nascido no dia 24 de outubro de 1969, casado com Maria Aparecida Salvador Deprá no dia 5 de março de 1994, 2 filhos: Bárbara Salvador Deprá, nascida no dia 10 de agosto de 1994, e João Victor Salvador Deprá, nascido no dia 7 de outubro de 2000.



Filha de Genis Deprá e Carmen Dell'Orto Deprá, Josêmia Maria Deprá nasceu em Santa Rosa da Cachoeirinha, Nova Venécia (ES), e mora em Salvador (BA) há 35 anos. É Master Coach e atua no desenvolvimento de pessoas e organizações.

É consultora para Gestão de Pessoas e pesquisadora das mais modernas técnicas de *performance* humana e excelência pessoal.

Graduou-se em Filosofia e em Secretariado Executivo e

pós-graduou-se em *Marketing*.

Frequenta meditação Raja Yoga da Brahma Kumaris.

Nesta publicação, com formato 14x21 cm, foram utilizadas tipografias Century schoolbook e Kaufman.

Impressão e acabamento nas oficinas da M.M.M. Santos Editora – EPP, Belém, Pará. Salvador, novembro de 2017

Livros que relatam a vida de grandes homens, executivos, empreendedores, políticos, artistas, enfim, pessoas bem-sucedidas, famosos de grandes destaques e de muito sucesso profissional e financeiro são muito comuns. Este livro, porém, revela a vida de um homem de vida simples, mas rica em exemplos, virtudes e valores. Um ser humano de uma retidão de caráter exemplar, que se comportava a favor da razão e seguia os preceitos da lei, possuidor de uma humildade intelectual e de muita generosidade. Um homem que ensinou com sua própria vida e deixou um legado que se perpetuará, pois viveu de tal maneira que seus onze filhos sempre se lembrarão dele como um exemplo de decência, de honestidade e integridade. Um homem que fez amigos e admiradores por onde passou e deixou muita gente feliz, só pelo fato de existir. Ele foi não apenas um homem, mas, principalmente, um exemplo de vida: “Um ser humano de pura luz, um diamante raro na coleção do criador.”

ISBN 978-85-64142-09-1



9 788564 142091